

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

**CESAR FELIPE CUMIM DO NASCIMENTO**

**GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA IDOSOS E SOCIABILIDADES: UM ESTUDO  
DO CENTRO ASSOCIATIVO RENASCER NA CIDADE DE JOÃO NEIVA/ES**

**VITÓRIA**

**2019**

CESAR FELIPE CUMIM DO NASCIMENTO

GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA IDOSOS E SOCIABILIDADES: UM ESTUDO DO  
CENTRO ASSOCIATIVO RENASCER NA CIDADE DE JOÃO NEIVA/ES

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação Física. Orientador: Prof. Dr. Ivan Marcelo Gomes.

VITÓRIA

2019

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de  
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

C969g Cumim do Nascimento, Cesar Felipe, 1991-  
Grupos de convivência para idosos e sociabilidades: : um  
estudo do centro associativo renascer na cidade de João  
Neiva/ES / Cesar Felipe Cumim do Nascimento. - 2019.  
95 f. : il.

Orientador: Ivan Marcelo Gomes.  
Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Universidade  
Federal do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos.

1. Sociabilidade. 2. Idosos. 3. Lazer. 4. Grupos de  
Convivência. I. Marcelo Gomes, Ivan. II. Universidade Federal  
do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. III.  
Título.

CDU: 796

---

CESAR FELIPE CUMIM DO NASCIMENTO

**GRUPOS DE CONVIVÊNCIA PARA IDOSOS E SOCIABILIDADES: UM ESTUDO  
DO CENTRO ASSOCIATIVO RENASCER NA CIDADE DE JOÃO NEIVA/ES**

Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito final para a obtenção do título de Mestre em Educação Física.

Trabalho Defendido e Aprovado em  
13 de setembro de 2019.

---

Prof. Dr. Ivan Marcelo Gomes  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientador

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Liana Abrão Romera  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Examinadora Interno

---

Prof. Dr<sup>a</sup>. Ligia Ribeiro e Silva Gomes  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Examinadora Externo

VITÓRIA

2019

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente à Deus por ter me guiado, me protegido e me dado forças para caminhar.

Ao meu orientador, Professor Doutor Ivan Marcelo Gomes, por toda paciência e compreensão que teve comigo nos momentos que mais precisei, por todo o empenho e esforço dedicados ao mim e por ter me dado a oportunidade de ser seu aprendiz. Nada disso teria sido possível sem você, então fica aqui registrado o meu mais sincero OBRIGADO.

À minha família. Sem o apoio de vocês eu não teria chegado até aqui.

Aos meus amigos do LESEF, que sempre estiveram dispostos a ajudar no que fosse necessário.

Aos meus amigos mais antigos e também aos mais recentes.

À Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo.

Aos sujeitos que participaram desta investigação.

E a todos aqueles que, de alguma forma, contribuíram para que eu pudesse trilhar essa jornada.

## RESUMO

O presente trabalho trata-se de um estudo que busca analisar os processos de sociabilidade que acontecem em um grupo de convivência para idosos na cidade de João Neiva, no Espírito Santo (ES). Esse grupo, fundado em 25 de fevereiro de 1994, é denominado “Centro Associativo Renascer” (CEAR) e destina-se a oferecer atividades de lazer para pessoas idosas, tendo o bingo e o forró como suas principais atividades. Para isso, apropriamo-nos do conceito de sociabilidade desenvolvido pelo filósofo alemão Georg Simmel (1983), autor que compreende que a sociedade é formada por pessoas que visam interagir entre si, ou seja, “estar com o outro” – seja por meio das interações de conflito, competição ou cooperação – para satisfazer suas necessidades ou propósitos. Essas sociações, ou relações de sociabilidades, acontecem principalmente nos momentos de lazer, denotando a importância que os grupos de convivência para idosos têm para seus frequentadores, a exemplo do que acontece no CEAR. Além disso, apropriamo-nos do conceito de “pedaço” do antropólogo José Guilherme Cantor Magnani (2006), estendendo essa concepção ao CEAR, onde foi observado um forte sentimento de pertencimento que sustenta uma rede de sociabilidade entre os frequentadores do local. Nossas análises têm como referência principal os dados produzidos por meio das entrevistas realizadas com os frequentadores do CEAR, utilizando-se também, de forma complementar, dos dados produzidos durante as observações, bem como dos registros feitos no diário de campo. A partir destas análises foram elaboradas duas categorias: a) o “pedaço” do CEAR e, b) a dinâmica das práticas: sociabilidades, tensões e códigos de conduta. Na primeira categoria, pudemos constatar que, atualmente, o CEAR configura-se como um espaço predominantemente feminino. Além disso, a instituição passa por problemas financeiros, o que, de acordo com seus frequentadores, contribuiu para o afastamento de alguns membros. Ademais, outro problema é que, proporcionalmente, a quantidade de pessoas que frequenta o local, quando comparado à quantidade de idosos residentes no município, é baixa. Em relação a segunda categoria, apesar das dificuldades vivenciadas, o CEAR vem desenvolvendo suas atividades e as trocas de experiências que acontecem durante as dinâmicas das atividades – disputas entre grupos, tensões e pequenos conflitos – contribuíram imensuravelmente para o desenvolvimento do nosso trabalho.

Palavras chave: Sociabilidade; Idosos; Lazer; Grupos de Convivência.

## ABSTRACT

This is a study that seeks to analyze the socialization processes that take place in a group of elderly people living in João Neiva, Espírito Santo (ES). This group, founded on February 25, 1994, is called the Renascer Associative Center (CEAR) and is intended to offer leisure activities for older people, with “bingo” and “forró” as their main activities. For this, we appropriate the concept of sociability developed by the German philosopher Georg Simmel (1983), author that understands that society is made up of people interacting with each other, that is, "being with each other" (whether through interactions of conflict, competition or cooperation) to satisfy their needs or purposes. These partnerships, or relations of sociability, happen mainly during leisure time, denoting the importance that socializing groups for the elderly have for their users, as in CEAR. In addition, we appropriated the concept of “piece” of anthropologist José Guilherme Cantor Magnani (2006), extending this concept to CEAR, where a strong sense of belonging was observed, sustaining a social network among users who frequent the place. Our analyzes have as main reference the data produced through the interviews with the CEAR users, also using, complementarily, the data produced during the observations, as well as the records made in the field diary. From these analyzes two categories were elaborated: a) the CEAR “piece” and, b) the dynamics of the practices: sociability, tensions and codes of conduct. In the first category, we could see that CEAR is currently a predominantly female space. In addition, the institution faces financial problems, which, according to its users, contributed to the removal of some members. Moreover, another problem is that, proportionally, the number of people who frequent the place, when compared to the number of elderly residents in the municipality, is low. Regarding the second category, despite the difficulties experienced, CEAR has been developing its activities and the exchange of experiences that occur during the dynamics of the activities - disputes between groups, tensions and small conflicts - contributed immeasurably to the development of our work.

Keywords: Sociability; Seniors; Recreation; Coexistence Groups.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Pirâmide etária do município de João Neiva – ES EM 2010. Distribuição por sexo segundo os grupos de idade .....	18
Figura 2 – Vista das dependências do CEAR por satélite .....	19
Figura 3 – Logotipo do CEAR .....	21
Figura 4 – Área exterior do CEAR. Ao fundo, a academia da saúde .....	26
Figura 5 – Cartela de bingo tradicional .....	31
Figura 6 – O jogo de bingo do CEAR .....	32
Figura 7 – Participantes do CEAR jogando bingo .....	34
Figura 8 – Forró de fim de ano do CEAR .....	39
Figura 9 – Cartaz de divulgação do forró .....	40
Figura 10 – Forró do CEAR .....	43
Figura 11 – Quadro de avisos do CEAR .....	45

## LISTA DE SIGLAS

CEAR	Centro Associativo Renascer
CEP	Comitê De Ética e Pesquisa
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
EFVM	Estrada de Ferro Vitória a Minas
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
MDS	Ministério do Desenvolvimento Social
PMJN	Prefeitura Municipal de João Neiva
PNI	Política Nacional do Idoso
SEMSA	Secretaria Municipal de Saúde
SCFV	Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos
SEMTADES	Secretaria Municipal de Trabalho, Assistência e Desenvolvimento Social
SUAS	Serviço Único de Assistência Social
UFES	Universidade Federal do Espírito Santo

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	11
<b>2. CONTEXTUALIZANDO O CAMPO DE PESQUISA</b> .....	16
2.1 ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE JOÃO NEIVA .....	16
2.2 CARACTERIZAÇÃO DO CENTRO ASSOCIATIVO RENASCER (CEAR) .....	20
2.3 BINGO! .....	30
2.3.1 O BINGO DESENVOLVIDO NO CEAR .....	31
2.4 O FORRÓ DO RENASCER .....	38
<b>3. O TRAJETO TEÓRICO METODOLÓGICO</b> .....	47
3.1 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS .....	50
<b>4. IDOSOS E AS RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE</b> .....	53
4.1. IDOSOS E GRUPOS DE CONVIVÊNCIA .....	54
<b>5. AS RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE NO CEAR</b> .....	63
5.1 O “PEDAÇO” DO CEAR .....	64
5.2 A DINÂMICA DAS PRÁTICAS: SOCIABILIDADES, TENSÕES E CÓDIGOS DE CONDUTA .....	73
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	84
<b>7. REFERÊNCIAS</b> .....	87
<b>8. ANEXOS</b> .....	94

## 1. INTRODUÇÃO

Atualmente, o Brasil passa por uma transição demográfica e epidemiológica caracterizada pelo aumento da expectativa de vida e diminuição da natalidade (OLIVEIRA; FEITOSA; FERREIRA, 2012). O envelhecimento, apesar de ser uma etapa natural da vida, pode ser analisado de modos distintos. Dentre eles, podemos identificar basicamente duas abordagens principais: a que entende o envelhecimento como um declínio e a que o compreende como uma etapa da vida de autonomia e integração (SILVEIRA; STIGGER, 2007).

Embora haja essa distinção entre as concepções sobre o envelhecimento, devemos considerar que se trata de um processo complexo. Em suma, é seguro afirmar que envelhecer perpassa dimensões biológicas, cronológicas, psicológicas e sociais.

Todavia, é importante salientar que o envelhecimento é uma experiência heterogênea. Cada pessoa vai experimentar tal processo de forma única, podendo vivenciá-lo de forma positiva ou negativa, de acordo com as condições socioculturais e econômicas do indivíduo. Nesse sentido, buscando analisar os processos de socialização que acontecem nessa etapa da vida, nossa pesquisa investigará um contexto específico: o Centro Associativo Renascer (CEAR).

O CEAR está localizado no município de João Neiva, interior do estado do Espírito Santo. Em 2010, a cidade apresentava o terceiro melhor IDHM (Índice de Desenvolvimento Humano Municipal) do Estado, tendo a expectativa de vida como seu melhor indicador. Desta maneira, depreende-se que o município, assim como acontece no restante do país, está gradativamente envelhecendo.

Isso me gerou uma inquietação sobre como o município está se preparando – seja na infraestrutura, na economia e/ou no que diz respeito às políticas públicas de lazer – para atender às demandas de uma população mais velha e às possibilidades de lazer às quais os habitantes de João Neiva terão acesso.

Por ser residente do município, tenho conhecimento de que, ali, há um espaço que se destina ao desenvolvimento de atividades específicas para o público considerado idoso: o CEAR, que está em funcionamento há aproximadamente 25 anos e, atualmente, tem o bingo e o forró como suas principais atividades.

Desse modo, por inquietação e curiosidade de saber como esse espaço funcionava, busquei maiores informações sobre os administradores do local. Assim, houve uma aproximação inicial com as pessoas que administram o lugar. Posteriormente, passei a fazer parte das atividades cotidianas do CEAR, participando dos bingos e dos forrós.

Após alguns meses acompanhando as atividades desenvolvidas naquele local e para termos um melhor entendimento acerca das relações que ali ocorriam, apropriamo-nos do conceito de *sociabilidade* desenvolvido pelo filósofo alemão Georg Simmel (1983). Contudo, em princípio, é necessário elucidar o que compreendemos quando nos referimos ao conceito de sociabilidade, pois

[...] quando nos interessamos em estudar as relações que os sujeitos estabelecem durante a realização de práticas corporais em contextos de lazer, faz-se necessário entender, minimamente, a noção de sociabilidade, já que inicialmente parece designar alguma dimensão desse fenômeno social (GONZÁLEZ, 2007, p.13).

Para tanto, adotamos a perspectiva do filósofo alemão Georg Simmel – considerado um dos primeiros estudiosos a conceituar a sociabilidade de uma forma mais ampla – tendo como objetivo entender as formas particulares de interações sociais (GONZÁLEZ, 2007).

Antes, porém, torna-se essencial compreender como Simmel analisa a sociedade e o indivíduo. Para o filósofo alemão, a sociedade é formada, basicamente, por indivíduos interagindo entre si:

Instintos eróticos, interesses objetivos, impulsos religiosos, objetivos de defesa, ataque, jogo, conquista, ajuda, doutrinação e inúmeros outros fazem com que o ser humano entre, com os outros, em uma relação de convívio, de atuação com referência ao outro, com o outro e contra o outro, em um estado de correlação com os outros. Isso quer dizer que ele exerce efeito sobre os demais e também sofre efeitos por parte deles. Essas interações significam que os portadores individuais daqueles impulsos e finalidades formam uma unidade – mais exatamente, uma ‘sociedade’ (SIMMEL, 2006, p. 59-60).

Deste modo, os indivíduos que possuem desejos, objetivos e interesses em comum, como os citados acima, passam a interagir em prol disso, constituindo, assim, uma unidade que o filósofo entende como sociedade. Contudo, dentro desse entendimento sobre sociedade, há duas distinções básicas: *forma* e *conteúdo*.

A *forma* “[...] é a mútua determinação e interação dos elementos pelos quais se constrói uma unidade” (SIMMEL, 2006, p. 64). O *conteúdo*, por sua vez, é definido por Simmel como tudo aquilo que existe no indivíduo, como vontades, sentimentos, objetivos e finalidades, como pode ser observado nas palavras do autor:

Tudo que está presente nos indivíduos (que são os dados concretos e imediatos de qualquer realidade histórica) sob a forma de impulso, interesse, propósito, inclinação, estado psíquico, movimento – tudo que está presente neles de maneira a

engendrar ou mediar as influências sobre os outros, ou que receba tais influências, designo como conteúdo, como matéria, por assim dizer, da sociação. Em si mesmos, essas matérias com as quais a vida é preenchida, as motivações que a impulsionam, não são sociais. Estritamente falando, nem fome, nem amor, nem trabalho, nem religiosidade, nem tecnologia, nem as funções e resultados da inteligência são sociais. São fatores de sociação apenas quando transformam o mero agregado de indivíduos isolados em formas específicas de ser com e para um outro – formas que estão agrupadas sob o conceito geral de interação. Desse modo, a sociação é a forma (realizada de incontáveis maneiras diferentes) pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. Esses interesses, quer sejam sensuais ou ideais, temporários ou duradouros, conscientes ou inconscientes, causais ou teológicos, formam a base das sociedades humanas (SIMMEL, 1983, p. 166).

Todavia, o *conteúdo* por si só não gera interação, pelo simples fato de ser constituído por características intrínsecas ao indivíduo, sendo necessário exteriorizar esses sentimentos. A respeito desse processo de interação e exteriorização, Simmel cria o conceito de “*sociação*” para caracterizar as *formas* ou modos pelos quais os sujeitos interagem entre si com a finalidade de exteriorizar o conteúdo.

Em síntese, o *conteúdo* pode ser entendido como o motivo pelo qual as sociações acontecem, enquanto a *forma* é entendida como a maneira com que essas sociações são formadas.

Além disso, o autor observa que as sociações acontecem em diferentes esferas da vida social, inclusive no que denomina de “conteúdos e formas de vida societária”, onde a sociedade é compreendida como “estar com o outro” (seja por meio das interações de conflito, competição ou cooperação) para satisfazer suas necessidades ou propósitos. Entretanto, para o autor, existem formas de interação que não estão subordinadas ao contexto estrutural de interação do qual se originaram. Essas interações “livres” – ou *sociações lúdicas* –, em que os envolvidos não têm objetivo ou metas a serem alcançadas, são chamadas por Simmel de *sociabilidade* (GONZÁLEZ, 2007).

Embora em um primeiro momento os conceitos de interação e sociabilidade possam ser confundidos, eles não são sinônimos. Em suma, para que a sociabilidade exista, é necessário que haja a autonomização na interação, ou seja, o ato de se liberar de determinados traços da realidade da vida. Um exemplo disso pode ser considerado os jogos, onde os praticantes abandonam os problemas vividos para usufruir apenas do momento de entretenimento.

As sociações lúdicas, ou relações de sociabilidades, acontecem principalmente nos momentos de lazer, denotando a importância que os grupos de convivência para idosos têm para seus frequentadores, a exemplo do que acontece no CEAR.

Neste contexto investigativo, a pesquisa teve início com o objetivo de investigar as relações de sociabilidade que aconteciam no CEAR nos momentos de lazer da população que o frequenta, bem como as práticas de lazer que acontecem no local.

Em dezembro de 2017, realizei uma aproximação com o Centro Associativo Renascer, sobretudo com a diretoria (pessoas responsáveis pela administração do local), manifestando o meu interesse em realizar uma pesquisa com os frequentadores do espaço. Assim, na semana seguinte retornei ao CEAR para saber se minha presença seria ou não permitida entre os frequentadores e, para minha alegria, fui informado de que poderia frequentar o espaço normalmente.

Entretanto, no dia em que dei início às minhas observações, uma pessoa que fazia parte da diretoria, enquanto dava alguns recados aos frequentadores utilizando o microfone, ao perceber minha presença no local, apresentou-me como um estudante de Educação Física que estava fazendo uma pesquisa no espaço, o que fez com que algumas pessoas viessem conversar comigo para saber sobre o que se tratava minha pesquisa e se a minha presença no espaço destinava-se a fazer com que me tornasse um professor de ginástica ou dança, por exemplo, nos dias em que o local estava fechado. Porém, expliquei àquelas pessoas que, naquele momento, possuía outros objetivos.

Apesar de ter sido bem recebido, notei que a presença de uma pessoa mais jovem naquele local causou estranheza por parte de algumas pessoas. Além disso, percebi rapidamente que apenas observar não me ajudaria a fazer parte do grupo, o que me levou a utilizar a observação participante como uma das estratégias metodológicas desta pesquisa.

Desta forma, por se tratar de um estudo de campo, passei a fazer parte do cotidiano do CEAR, observando, jogando bingo, dançando forró e registrando, por meio de imagens, vídeos e escritos, quais relações os sujeitos estabelecem quando estão no local. Vale ressaltar, ainda, que estive inserido no campo de pesquisa entre dezembro de 2017 e dezembro de 2018, sempre às terças-feiras e quintas-feiras, no horário das 13h às 16h e das 14h às 16h, respectivamente.

Após o período de observações, foram realizadas entrevistas em que alguns participantes apontaram que permanecem frequentando o CEAR devido a questões de afinidade, graças ao fato de gostarem de conversar com seus amigos e/ou porque se sentem sozinhos em casa. A literatura sinaliza que os principais motivos apontados pela procura por Grupos de Convivência foi a tentativa dos indivíduos de livrarem-se da solidão e aumentar a

autoestima (BULSING et al., 2007), participar de programas de lazer para aumentar a participação social, bem como ampliar amizades (FENALTI; SCHWARTZ, 2003; GOMES; PINTO, 2007). Além disso, “indicação médica” (PENNA; SANTO, 2006) também foi apontado como um dos motivadores.

Os frequentadores indicaram que gostam de ambas as atividades desenvolvidas no espaço, contudo, gostariam que o local oferecesse melhor infraestrutura para atender à demanda da população idosa. Ademais, os associados queixam-se do descaso do poder público municipal com o local, pois, de acordo com eles, a prefeitura poderia contribuir financeiramente para que o local fosse mantido.

No decorrer do texto, algumas falas dos entrevistados serão apresentadas para melhor caracterização do espaço do ponto de vista do usuário. Assim, o trabalho será estruturado da seguinte maneira: em um primeiro momento, apresentarei brevemente a cidade de João Neiva – ES, onde fica localizado o CEAR, e a partir disso será feita a descrição do campo de estudo. No capítulo seguinte, farei uma apresentação das descrições metodológicas dando ênfase à minha inserção no campo e aos contatos iniciais com os sujeitos da pesquisa.

No capítulo 4 apresentarei uma revisão teórica sobre a questão do envelhecimento, enfatizando pontos pertinentes que envolvem a relação com os grupos de convivências e as redes de sociabilidade. Na sequência, apresentarei os dados da pesquisa, divididos em duas categorias, denominadas “*o pedaço do CEAR*” e “*a dinâmica das práticas: sociabilidades, tensões e códigos de conduta*”. Por fim, apresentarei as considerações finais.

## 2. CONTEXTUALIZANDO O CAMPO DE PESQUISA

### 2.1 ORIGEM E DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE JOÃO NEIVA

A imigração italiana<sup>1</sup> no Brasil teve início na década de 1870. De acordo com Pereira (2008, p. 33), “[...] o tempo decorrido entre, aproximadamente, os anos 1870 e 1920 passou a ser conhecido na historiografia como o da ‘grande migração’ que uniu o Velho Mundo Europeu ao Novo Mundo Americano”. Parte dos italianos que migraram para o Brasil vieram em busca de trabalho, uma vez que a Itália, na segunda metade do século XIX, passava por uma crise de emprego, causada pelo avanço da industrialização no país. O aumento da população estava em descompasso com o crescimento da economia e com a geração de novos empregos, levando muitos italianos a tentar a vida em outros países. O Brasil, por sua vez, carecia de mão de obra, principalmente após a abolição da escravatura.

Assim, os italianos distribuíram-se por várias regiões do país e nota-se que os primeiros imigrantes destinados à capital do Espírito Santo chegaram às terras brasileiras em 1874. Contudo, apenas em 1887 os colonos italianos chegaram à região hoje conhecida como João Neiva. A partir da vinda das famílias itálicas, foram fundados os primeiros povoados na localidade: Acioli, no ano de 1887, e de Demétrio Ribeiro, em 1891.

Ambos os povoados tiveram na agricultura e, principalmente, no cultivo de café, a sua principal fonte de renda. Com o passar do tempo, o aumento da produção agrícola, somado à dificuldade de transporte e, ainda, à distância entre as áreas de plantio e colheita do café e os portos para escoação, fez com que houvesse a necessidade de se criar meios para facilitar o transporte do que era produzido, como pode ser observado nas palavras do historiador Luclio da Rocha Ribeiro (1992, p. 24):

Demétrio Ribeiro, muito embora já apresentasse, no início do século, uma produção agrícola considerável, principalmente de café, graças ao árduo trabalho dos imigrantes nele estabelecidos e à grande fertilidade de suas terras, não contava com um eficiente meio de transporte. Os portos de Córrego Fundo e Cachoeiro de Santa Leopoldina, principais vias de escoamento de sua produção, ficavam muito distantes, o que tornava o transporte difícil, demorado e oneroso.

---

<sup>1</sup> O fato de a cidade ter sido colonizada por imigrantes italianos não tem nenhuma influência direta na produção de dados. Essa contextualização faz-se necessária, pois, por se tratar de uma cidade de pequeno porte, é possível que muitos leitores não conheçam ou saibam pouco sobre o município. Desta maneira, acredito que dar um enfoque maior à cidade neste momento, sobretudo no que diz respeito à origem e desenvolvimento da mesma, é importante, até mesmo para que possamos entender o meio em que o campo de pesquisa está localizado.

Assim, surgiu a ideia de se trazer a Estrada de Ferro Vitória a Minas (EFVM)<sup>2</sup> para a região, idealizada e defendida no Congresso Nacional por João Augusto Neiva, engenheiro e deputado federal pelo estado da Bahia.

Com a aprovação do Congresso e a concretização da instalação da EFVM, fez-se também necessária a construção de uma estação ferroviária, inaugurada em dezembro de 1905. O engenheiro Pedro Nolasco, responsável pela obra, batizou-a de João Neiva, em homenagem ao esforço do engenheiro e deputado federal baiano para que a estrada de ferro fosse construída na região. Foi em torno dessa estação e, posteriormente, da construção das oficinas ferroviárias nas suas proximidades, que surgiu um pequeno povoado que mais tarde seria conhecido como João Neiva.

A partir de dezembro de 1905, quando foi inaugurada a estação de João Neiva e, logo depois, as oficinas, foi-se formando em torno delas uma grande concentração de ferroviários, em função do trabalho nas oficinas, estações e turma de Via Permanente. Também, a partir dessa data, muitas outras pessoas foram-se dirigindo para essa nascente e promissora localidade, a fim de tentar a sorte, contribuindo, assim, para o aumento cada vez maior da população, com conseqüente desenvolvimento do comércio e outras atividades (RIBEIRO, 1992, p. 25).

Em 30 de dezembro de 1921, João Neiva foi elevada a distrito e, após várias tentativas de garantir sua autonomia, em 11 de maio de 1988 emancipou-se do município de Ibirapu/ES, nascendo, assim, o município de João Neiva. Alguns anos depois, já em 2010, de acordo com dados do último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município possuía 15.809 habitantes.

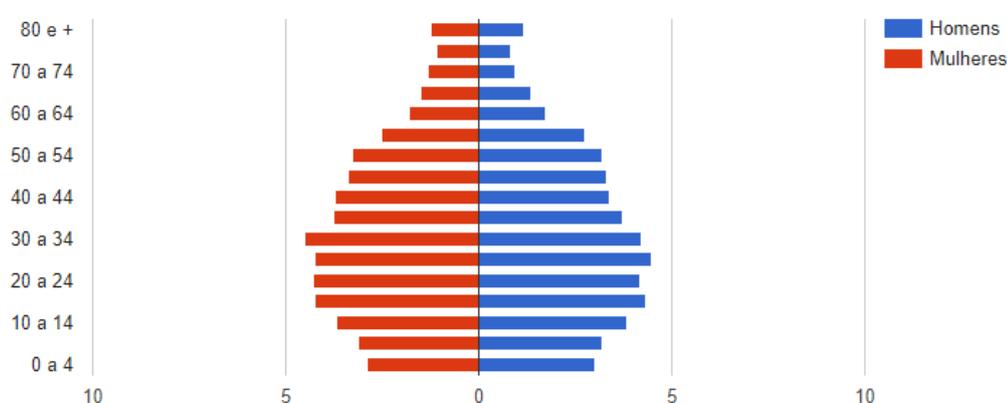
Atualmente, segundo o guia de estudo elaborado e atualizado recentemente pela própria cidade, “[...] a principal atividade econômica do município de João Neiva é o comércio, seguido da indústria e da agropecuária” (JOÃO NEIVA, 2016, p. 71). Embora, nos dias de hoje, o comércio seja a principal atividade desempenhada pelo setor econômico, é importante destacar que a agricultura, por um longo período, impulsionou a economia do município, visto que “[...] agricultura, alicerçada no café, foi o principal setor da economia municipal até a década de 60, quando o modelo primário exportador entrou em decadência afetando diretamente a cafeicultura” (JOÃO NEIVA, 2016, p. 71).

---

<sup>2</sup> A Concessionária Estrada de Ferro Vitória a Minas S.A., também conhecida pela abreviação EFVM, é uma empresa ferroviária brasileira que interliga a Região Metropolitana de Vitória, no Espírito Santo, a Belo Horizonte, capital de Minas Gerais. Sua locação iniciou-se no final do século XIX e tinha como objetivo o transporte ferroviário de passageiros e escoamento da produção cafeeira do vale do rio Doce e do Espírito Santo.

Localizada na região norte do estado do Espírito Santo, João Neiva apresentava-se como a terceira cidade com maior Índice de Desenvolvimento Humano Municipal<sup>3</sup> (IDHM) do estado em 2010, atrás apenas de Vitória e Vila Velha<sup>4</sup>. Dentre os critérios para o cálculo do IDHM, a longevidade — que mede a expectativa de vida — foi o índice que mais contribuiu para a média final (0,857) e a expectativa de vida do joão-neivense é de 76,4 anos.

**Figura 1 – Pirâmide etária do município de João Neiva – ES EM 2010. Distribuição por sexo segundo os grupos de idade<sup>5</sup>**



Fonte: PNUD, Ipea e FJP.

Nesse sentido, é possível depreender que o município possui uma parcela significativa de pessoas em processo de envelhecimento. Assim, ao analisarmos a Figura 1, podemos perceber que a pirâmide etária<sup>6</sup> do local apresenta uma menor taxa de natalidade, se comparada à idade adulta. Além disso, de acordo com dados do DATASUS, em 2012 a estimativa da população joão-neivense era de 15.886 habitantes, das quais 2.062 eram pessoas

<sup>3</sup> O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é uma medida composta de indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda. O índice varia de 0 a 1. Quanto mais próximo de 1, maior o desenvolvimento humano. Disponível em: <<http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/conceitos/o-que-e-o-idhm.html>>. Acesso em: 27/05/2018.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.br.undp.org/content/brazil/pt/home/idh0/rankings/idhm-municipios-2010.html>. Acesso em: 27/05/2018

<sup>5</sup> Disponível em: <[http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil\\_m/joao-neiva\\_es](http://atlasbrasil.org.br/2013/pt/perfil_m/joao-neiva_es)>. Acesso em: 12 abr. 2018.

<sup>6</sup> A pirâmide etária é um recurso utilizado para conhecimento sobre elementos como, por exemplo, o número de habitantes de uma dada sociedade em termos absolutos, ou mesmo em valores relativos, distribuição da população segundo gênero (masculino ou feminino) e por idade dos habitantes de uma determinada sociedade. As pirâmides etárias trazem informações sobre o mundo como um todo, sobre um país em específico ou mesmo em escaladas mais restritas.

com mais de 60 anos, quantidade que representava aproximadamente 13% da população do município<sup>7</sup>.

Quando comparamos esse índice com os de outros municípios, do mesmo porte, do estado do Espírito Santo, podemos observar que, por ser uma cidade de pequeno porte, os números são muito promissores. Para se ter uma ideia, a cidade de Marechal Floriano – ES possui 14.262 habitantes e tem como IDHM 0,710. O município de Muqui, também localizado no ES, conta com 14.396 habitantes e possui o IDHM de 0,694, enquanto Boa Esperança – ES, com 14.199 habitantes, apresenta o IDHM de 0,679 (IBGE, 2010).

Do ponto de vista da gestão pública, é importante compreender como a população do município está distribuída, no que diz respeito à sua faixa etária, para que seja realizado um planejamento no médio e longo prazo. Desse modo, é possível a criação e/ou execução de políticas públicas que possam atender à população cuja faixa etária está em ascendência.

Portanto, se o município vem apresentando sinais de que sua população está propensa a ter um número maior de pessoas idosas, buscamos investigar um espaço destinado a realizar atividades para terceira idade. Em vista disso, dirigimo-nos ao local onde acontecem atividades direcionadas para o público idoso: o Centro Associativo Renascer (CEAR), ou apenas “Renascer”, como é conhecido popularmente, que fica localizado no centro do município e é o local onde a presente pesquisa realizou-se.

**Figura 2 – Vista das dependências do CEAR por satélite**



Fonte: Google Earth.

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/defthtm.exe?ibge/cnv/popos.def>>. Acesso em 31/05/2018.

## 2.2 CARACTERIZAÇÃO DO CENTRO ASSOCIATIVO RENASCER (CEAR)

Entre o fim década de 1980 e o início dos anos 1990, a Prefeitura Municipal de João Neiva (PMJN) fez a compra de uma área com o objetivo de desenvolver atividades para atender à terceira idade, sendo realizadas reformas e ampliações do espaço já existente para melhor acomodação e atendimento do público.

Em 25 de fevereiro de 1994, aconteceu uma assembleia no Centro Comunitário do município com o intuito de formar o Primeiro Grupo da Terceira Idade de João Neiva. “Na ocasião, estiveram presentes um número de, aproximadamente, quatrocentos idosos, residentes em vários bairros do município. Presentes também o prefeito municipal, Secretários Municipais de Ação Social, de Saúde e de Educação” (1ª ATA DE FUNDAÇÃO DO GRUPO DA TERCEIRA IDADE). Ao final da assembleia, portanto, o grupo foi fundado e “Centro Associativo Renascer”.

O CEAR é uma entidade sem fins lucrativos, com sede na cidade de João Neiva (ES), localizada à Rua Sete de Setembro, no centro do município<sup>8</sup>. Para facilitar a sua localização, há um logotipo no exterior do espaço (Figura 3). Embora tenha sido criado, inicialmente, para o público idoso, as atividades do local são abertas para todo o público, independentemente da faixa etária e/ou religião. De acordo com o art. 2º do estatuto, o CEAR

É uma Associação Civil, de direito privado e sem fins econômicos, com duração indeterminada, que se destina à instalação e manutenção de Centro de Apoio à Pessoa Idosa, com a finalidade de desenvolver ações voltadas para a assistência social, com atividades educativas e recreativas junto à pessoa idosa, não havendo discriminação de qualquer espécie em sua atuação (ESTATUTO DO CEAR, 2017).

---

<sup>8</sup> Antes de a sede ser construída no endereço atual, o CEAR funcionou em outros dois locais: o primeiro espaço a sediar o Renascer fica localizado no Centro Comunitário de João Neiva, enquanto o segundo é o antigo Clube Pedro Nolasco, em que atualmente funciona uma Igreja. Essas alterações de endereços são citadas pelos frequentadores mais antigos.

Figura 3 – Logotipo do CEAR



Fonte: Diário de campo, 16 de novembro de 2017.

No que diz respeito à estrutura administrativa do CEAR, há uma diretoria – composta por um presidente, uma vice-presidente, duas secretárias e duas tesoureiras –, a qual é responsável pela administração do local e que é eleita anualmente por meio de votação. Para concorrer aos cargos disponíveis, é necessário que os sócios organizem-se em chapas, havendo eleição para escolha dos que vão ocupar os cargos.

Em relação ao espaço físico do CEAR, a sede está localizada em uma área/lote pertencente ao poder público cuja estrutura principal é de alvenaria, contando também com um salão onde são realizadas as atividades. Esse salão tem capacidade para acomodar 250 pessoas, possui iluminação, ventiladores de teto, sistema de segurança e conta, também, com aparelhagem sonora profissional, adquirida pela própria associação. Além disso, possui dois banheiros, um masculino e outro, feminino, nos quais há chuveiros e vasos sanitários.

No espaço ainda há uma cozinha com três geladeiras, dois fogões e três *freezers*. Há também uma sala destinada à tesouraria. Embora seja coberta por telhado de amianto, na área exterior ao salão há uma grande árvore que gera sombra em grande parte da instalação. Na fronteira da área pertencente ao CEAR corre um rio. As dependências são contornadas por

muros e o prédio onde são realizadas as atividades é cercado por grades. O espaço conta, ainda, com mesas e cadeiras próprias para acomodação do público durante suas atividades de lazer.

Ademais, nas dependências do CEAR está instalada uma academia da saúde (Figura 4), gerida pela Secretaria de Saúde do Município de João Neiva, que, neste momento, não compõe nosso local de pesquisa. Em uma conversa informal com um funcionário da PMJN, fui informado que “[...] a academia foi instalada nas dependências do Renascer pois, na época, havia um entendimento por parte do poder público de que o Renascer, por ser um espaço destinado aos idosos, a instalação da academia naquele local facilitaria o acesso dos mesmos” (AMARILDO, funcionário público)<sup>9</sup>.

É importante ressaltar que a academia em questão não é aberta ao público. Embora haja dias e horários preestabelecidos para seu funcionamento, por estar localizada dentro do espaço do CEAR, a academia está cercada por muros. Desse modo, o público em geral não tem acesso aos aparelhos, exceto aqueles que se cadastraram/inscreveram na Secretaria Municipal de Saúde (SEMSA).

Assim, em buscas de maiores informações que pudessem esclarecer os motivos pelos quais a academia foi instalada no espaço físico em que o CEAR desenvolve suas atividades, um funcionário da Prefeitura Municipal de João Neiva (PMJN) esclareceu a relação entre o local de pesquisa e o poder público informando-nos que

A área é destinada à terceira idade, mas é uma área do município. Então, quando foram instalar a academia naquele local, foi realizada uma reunião com os representantes do CEAR e explicado o objetivo da implantação da academia popular naquele local, e como é uma coisa pra somar, não houve empecilhos. Por isso a academia foi colocada lá pra poder atender aquele público e outras pessoas também (AMARILDO, funcionário da público)<sup>10</sup>.

Desta maneira, foi possível ter um melhor entendimento do motivo pelo qual a academia foi instalada naquela área e não em uma praça ou outro local a que mais pessoas tivessem acesso. Provavelmente, além dos motivos citados acima, outro fator que pode ter pesado na escolha foi o fato de que a área do CEAR é murada, diminuindo, pois, as possibilidades de que o patrimônio público fosse depredado ou vandalizado.

Ressaltamos que na academia também acontecem relações de sociabilidades, mas apesar de mencionar os elementos que compõem o referido espaço público, tomaremos como

---

<sup>9</sup> Importa ressaltar que os nomes utilizados neste trabalho são fictícios, visando-se a preservação das identidades dos participantes da pesquisa.

foco de investigação as relações que acontecem dentro do salão do CEAR, pois é nesse local em que acontecem as duas principais atividades do centro: o bingo e o forró. Além disso, o público que frequenta a academia não necessariamente é o mesmo que frequenta o CEAR. Em função disso, optamos por não ampliar as análises para o espaço da academia nesta investigação.

Atualmente, os encontros para a realização das atividades acontecem duas vezes por semana, às terças e quintas-feiras. Nas terças-feiras, os encontros são realizados para se jogar bingo<sup>11</sup>, enquanto nas quintas-feiras os idosos se reúnem para dançar forró. Esporadicamente, o CEAR é aberto aos domingos para realização de forró, contudo, nessa ocasião os grupos de terceira idade de outros municípios deslocam-se para o Renascer. Nos dias em que não há atividades oferecidas, no entanto, o local permanece fechado, diminuindo as opções de atividades de lazer direcionadas ao público idoso.

Cabe ressaltar que os espaços públicos de lazer são utilizados com diversos propósitos, pois “[...] tanto as praças quanto os parques são utilizados de formas diferentes pelo público diversificado que os frequenta, carregando dessa maneira a representação que cada pessoa faz desses diferentes lugares como espaços de lazer” (STIGGER; MELATI; MANZO, 2010, p.129).

Assim, na tentativa de entender os significados do espaço estudado para os frequentadores, uma das perguntas feitas aos entrevistados foi como eles conheceram o Renascer e como era o seu funcionamento no início. Deste modo quando questionada sobre como conheceu o CEAR e o que a incitou a participar das atividades desenvolvidas, Inácia, 76 anos<sup>12</sup>, narra que

O Renascer... é que a gente já gostava de forró. Quando a gente morava na roça já gostava de forró. Aí quando eu fiquei sozinha, quando todos os meus filhos casaram aí apareceu esse Renascer... aí eu entrei... já tem 25 anos, quase 26 anos. [...] começou no centro comunitário umas duas vezes, mas eu não sabia não, então eu não fui. Quando eles passaram para o clube eu fiquei sabendo e comecei a participar. Todo mundo começou a falar que tava tendo o forró dos idosos né, e como eu já tinha 50 anos eu comecei a participar. Então tem uns 26 anos, porque eu comecei com 50 anos. As pessoas começaram a falar sobre esse forró, e naquela época era tudo de graça né, a gente não tinha dinheiro naquela época, mas era tudo de graça

---

<sup>11</sup> De acordo com o dicionário de língua portuguesa Michaelis, o bingo é um jogo de azar em que cada participante recebe um ou mais cartões com cinco fileiras de números, que vão sendo preenchidos pelos jogadores. Ganha aquele que primeiro conseguir preencher uma carreira de números em qualquer sentido, ou todos os números de um cartão, conforme combinação prévia.

<sup>12</sup> Como dito anteriormente, os nomes utilizados neste trabalho são fictícios, não apresentando qualquer semelhança ou aproximações com os nomes e/ou apelidos existentes dentro do próprio grupo, para assegurar o anonimato aos participantes da pesquisa.

então a gente começou a frequentar. Depois de uns anos eles vieram para o lugar onde funciona até hoje.

Seguindo nesta mesma direção, a fala de outras duas associadas nos dão mais elementos sobre a criação e os locais de funcionamento do CEAR antes de se estabelecer no atual endereço.

Eu recebi um convite. As pessoas começaram a dizer que teria um grupo da terceira idade. A ex-esposa do prefeito da época trouxe um grupo de Vitória e fizeram a primeira reunião lá no centro comunitário. Todo mundo levou os nomes [sugestões para batizar o grupo que estava prestes a surgir], e tinha uma novela muito bonita naquela época que se chamava Renascer, eu e uma amiga sugerimos o nome 'renascer', e foi o nome que foi escolhido para o grupo. Então o nome que eu escolhi foi o que ficou. [...] eu comecei a participar desde a fundação, quando não tinha ainda nem o local [sede]. Funcionava no centro comunitário, depois passou para o Clube, onde hoje é uma Igreja, e depois foi pra lá [se referindo ao local atual de funcionamento]. Só tinha uma parte [do prédio], e aquela outra parte [também do edifício] pra lá foi construído pelos associados. Não sei se a prefeitura ajudou, mas eu sei que foi construída pelos associados (SEBASTIANA, 76 anos).

Nesta mesma direção, Michele, 82 anos, disse que

Um dia eu estava em casa e começaram um negócio de dança lá no centro comunitário. Ainda não tinha nome. Aí eu falei assim 'sabe que eu vou lá?!'. Então um dia eu cheguei em casa do serviço e fui pra lá, porque era sempre na parte da tarde e quando cheguei lá tinha começado mesmo. Nós ficamos lá muito tempo [no centro comunitário], mas lá era um pouco desconfortável, os bancos de lá eram aqueles compridos e as pessoas de mais idade não podiam sentar. Às vezes tinha um virando por causa de coluna, que tava doendo, isso e aquilo outro... De lá veio para o clube e no clube a gente ficou bastante tempo. Então quando dava 14h, eu chegava em casa do serviço, era só trocar de roupa e me mandar pra lá, entende? Quem começou isso aqui foi o ex-prefeito da época, a esposa dele [...].

Desta maneira, podemos perceber que antes de passar a funcionar no atual endereço, o Renascer teve como sede, pelo menos, outros dois locais. Além disso, associados que participam do CEAR há algum tempo, ou mesmo desde sua fundação, nutrem sentimentos de consideração e estima pela instituição, sendo possível perceber na fala dos entrevistados certo saudosismo em relação ao CEAR de outrora.

Isto fica ainda mais evidente quando os entrevistados são questionados sobre a importância do CEAR para eles. Uma das entrevistadas diz que “[participo] porque eu gosto, vou falar pra você a verdade, eu gosto daquilo ali. **Aquilo ali pra mim foi minha vida [grifo nosso]**” (INÁCIA, 76 anos).

Entretanto, atualmente, o CEAR enfrenta algumas dificuldades, sobretudo financeiras e os frequentadores do local atribuem grande parte delas ao descaso do poder público municipal. Segundo Andrade, Jayme e Almeida (2009), de modo geral há um descaso por parte do poder público, fazendo com que esses espaços virem ponto para o consumo de

drogas. Entretanto, apesar do desinteresse do poder público para com o local, não há qualquer registro de que o espaço pertencente ao CEAR seja utilizado para o consumo de drogas.

Além disso, Eduarda também nos fornece outras pistas sobre os motivos que a fazem permanecer no CEAR ao dizer que

[Participo] porque eu gosto. Eu amo a terceira idade! Porque eu sou bem tratada. Porque se você vai em um lugar que te pisam, te xingam, você vai outra vez? Então... Aonde eu vou eu sou bem tratada, então eu trato os outros bem, né?! Como é que eu posso maltratar as pessoas que nunca me fizeram nada, né?! Eu não gosto não. Eu trato bem os outros porque me tratam bem também (EDUARDA, 86 anos).

Outra entrevistada, Sebastiana (76 anos), expõe que a razão que a faz continuar participando do Renascer é que “gosto de servir [associado ao sentimento de ser útil]. Gosto de trabalhar lá, gosto de participar, gosto do ambiente... Sempre foi um ambiente bom”. Para Santos e Vaz (2008, p. 334),

Em nossa sociedade o fato da pessoa se aposentar a conduz ao tédio e a um sentimento de desvalorização, devido à falta de atividades sociais e laborais. Estar em um ambiente de trabalho proporciona ao indivíduo um importante convívio social, que ao ser perdido ocasiona um grande vazio.

Desta maneira, muitos idosos buscam manter-se ativos socialmente para preencher o vazio que antes era preenchido pelo trabalho. Segundo Peixoto (1995, p. 139), “se considerarmos que nas sociedades capitalistas o não-trabalho, mesmo no contexto da aposentadoria, é percebido como marginal, a internalização desse estigma os leva a nutrir fortes sentimentos de impotência e de desvalorização”. Assim, muitos idosos buscam realizar algum tipo de atividade com a finalidade de compensar a angústia por ter deixado de executar suas atividades laborais, uma vez que essas práticas dão à pessoa um sentimento de produção e de utilidade (SANTOS; VAZ, 2008).

Eu gosto de trabalhar. Eu não gosto de jogo nenhum, eu jogo pra passar o tempo, mas eu não gosto. Eu gosto de trabalhar, gosto de gritar o bingo, gosto de organizar. Da dança eu gosto, porque teve um dia que visitei um centro de atividades para idosos de outro município, eu dancei por quase 5 horas seguidas. Mas eu gosto mesmo é de trabalhar, sempre gostei (MANUELA, 74 anos).

**Figura 4 – Área exterior do CEAR. Ao fundo, a academia da saúde**



Fonte: Diário de campo, 17 de maio de 2018.

De acordo com o estatuto da instituição, para se associar ao Renascer é necessário ter idade superior a 50 anos e residir no município de João Neiva, como apontado pelo art. 8º: “Os associados do CEAR constituir-se-ão de pessoas físicas com idade superior a 50 (cinquenta) anos de idade, residentes no município de João Neiva – ES, sem distinção de religião, ideologia política, classe social, raça e nacionalidade” (ESTATUTO DO CEAR, 2017).

Contudo, devido à baixa quantidade de pessoas que frequentam o espaço, foi acordado, na tentativa de realimentar o grupo, que a idade mínima poderia ser menor, conforme narrado por Layde (76 anos): “é aberto pra qualquer idade pra poder dar mais gente. Mas não vai muita gente nova, vai assim, de 40 anos pra cima”.

Cobra-se dos associados uma mensalidade no valor simbólico de R\$ 5,00. Entretanto, é possível frequentar o CEAR sem que seja necessário associar-se. Uma das

vantagens da associação é a possibilidade de pagar meia-entrada no dia do forró e a de concorrer a sorteios de brindes e prêmios em datas comemorativas.

Embora, inicialmente, não tenha sido criado com este fim, atualmente o CEAR poderia configurar-se como uma entidade para a execução do Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculos<sup>13</sup> (SCFV). Entretanto, isso não é possível, pois o Renascer precisaria estar regularizado no sistema do Ministério do Desenvolvimento Social (MDS) e, além disso, contratar profissionais responsáveis pela execução do serviço, como, por exemplo, uma assistente social.

Desta forma, cobrar qualquer valor para os membros do CEAR é incoerente com a política do Serviço Único de Assistência Social (SUAS), pois suas diretrizes não permitem que as instituições que prestam serviços de assistência social cobrem qualquer valor de seus frequentadores.

Isso gera um conflito, uma vez que, antes da lei do SUAS, o Renascer recebia um valor mensal do poder público municipal. Contudo, com a aprovação e efetivação da lei, para que o CEAR pudesse receber tais recursos, seriam necessárias a elaboração de um projeto e a contratação de uma assistente social com recursos próprios, o que gerou um impasse por parte da diretoria do Renascer, que entende e defende a ideia de que uma assistente social deveria ser cedida pela Secretaria Municipal de Trabalho, Assistência e Desenvolvimento Social (SEMTADES).

De qualquer modo, e embora o CEAR não seja considerado, oficialmente, uma entidade que desenvolve serviços de assistência social, alguns funcionários do CRAS realizam, anualmente, um levantamento dos frequentadores do espaço. Desse modo, foi realizado o cadastro de 58 idosos no MDS, dos quais 13 eram do sexo masculino e 45, do sexo feminino. A maioria dos idosos é aposentada ou pensionista, residindo com seu cônjuge ou sozinhos<sup>14</sup>. Todavia, alguns frequentadores recusaram-se a participar desse levantamento,

---

<sup>13</sup> Trata-se de um serviço da Proteção Social Básica do Serviço Único de Assistência Social (SUAS) regulamentado pela Tipificação Nacional de Serviços Socioassistenciais (Resolução CNAS n.º 109/2009). O SCFV possui caráter preventivo e proativo, pautado na defesa e afirmação de direitos e no desenvolvimento de capacidades e potencialidades dos frequentadores, com vistas ao alcance de alternativas emancipatórias para o enfrentamento das vulnerabilidades sociais. Deve ser ofertado de modo a garantir as seguranças de acolhida e de convívio familiar e comunitário, além de estimular o desenvolvimento da autonomia dos frequentadores. Disponível em: <[http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia\\_social/perguntas\\_e\\_respostas/Perguntas\\_Freq\\_uentesS\\_CFV\\_032017.pdf](http://www.mds.gov.br/webarquivos/publicacao/assistencia_social/perguntas_e_respostas/Perguntas_Freq_uentesS_CFV_032017.pdf)>. Acesso em: 15 jun. 2018.

<sup>14</sup> Informações complementares, como em que trabalhavam; se ainda exercem alguma atividade profissional para complementação de renda; com quem moram; e se moram na zona urbana ou rural serão melhor exploradas durante as entrevistas.

fazendo com que os dados obtidos não correspondam com a quantidade real de membros do CEAR.

Embora a quantidade de pessoas idosas no município venha aumentando de maneira gradativa, o número de idosos que frequentam o Renascer vem, gradativamente, decaindo. Em relação às pessoas que frequentam o CEAR atualmente, constata-se que o número de associados é de aproximadamente setenta pessoas. Contudo, ao ser fundado, esse número era de cerca de trezentas pessoas. Esse declínio na quantidade de associados, e, conseqüentemente, no número de frequentadores, está, segundo a diretoria do local, associado a alguns acontecimentos que serão descritos a seguir.

O primeiro deles é que muitos dos idosos que frequentavam o CEAR faleceram. Desse modo, é possível acreditar que pessoas que têm relações diretas com os falecidos, como familiares e/ou cônjuges, tenham perdido o interesse em participar das atividades do CEAR.

Outro acontecimento relatado pela diretoria foi o de que havia uma verba repassada pelo poder municipal mensalmente, a qual era revertida para manutenção da instalação e compra de materiais de consumo, como descartáveis (pratos, copos, talheres, guardanapos, etc.). Além disso, parte da verba era utilizada para a realização de almoços coletivos para os participantes do CEAR, os quais ocorriam em datas comemorativas durante o decorrer do ano. Entretanto, o repasse foi cessado e isso, de acordo com a diretoria, contribuiu para a evasão de muitos idosos.

[...] vinha uma mensalidade ótima do governo federal, era R\$ 2.120,00 aproximadamente, então todo mês tinha almoço, toda quinta-feira tinha dinheiro para pagar o tocador. E também nas festas, tinha muita coisa doada, que não precisava a gente comprar, mas quando acabou esse recurso, as pessoas foram faltando, faltando e faltando, e deixaram de ir no Renascer e passaram a ir nos municípios vizinhos. Porque lá tem música ao vivo toda terça-feira de graça, tem lanche, tem tudo e tem os almoços nas datas comemorativas (LAYDE, 76 anos).

Assim, muitas das pessoas que antes frequentavam o CEAR passaram a buscar outros grupos que se destinavam a desenvolver atividades para idosos nos municípios vizinhos, o que nos leva ao terceiro motivo. A diretoria relata que alguns idosos deslocam-se para outros municípios em busca de tais atividades, deixando de dar o devido valor ao Renascer. Isso gera certo descontentamento por parte das pessoas que se dedicam e se esforçam para não deixar que o CEAR chegue ao fim.

Este esforço também se reflete nas falas dos frequentadores. Michele, 82 anos, relata que “o que faz eu continuar é pra não deixar ele acabar, pra não fechar, entende?”. Essa fala sugere um compromisso com o espaço, bem como com outros membros, de continuar

frequentando o local para que esse não chegue ao fim. Ainda sob essa perspectiva, outro entrevistado narra que

Eu frequento porque faltam pessoas, muitos morreram e então caiu. Se a agente que tá aqui perto não ir frequentar, pode fechar de uma vez e eu não quero isso, né?! Eu não sou daqui, mas de qualquer maneira quando você tem um conhecimento de uma área de lazer pra você se divertir não pode fechar essa área, então é isso que me preocupa (DIEGO, 56 anos).

Apesar dessas dificuldades, contudo, é possível notar a importância que o CEAR tem na vida dessas pessoas e o sentimento de pertencimento que os frequentadores possuem com a associação. Paradoxalmente, embora tenha sido batizada popularmente como Renascer, a instituição está caminhando para seu fim. Em outras palavras, pode-se inferir que o Renascer está “morrendo”. Uma das falas, em especial, resume bem o sentimento que os remanescentes têm para com a instituição:

Uma hora eu quero marcar um horário com o prefeito<sup>15</sup>... Eu quero chegar lá na prefeitura e quero pedir a ele: não deixa nosso Renascer não, porque ele tá morrendo aos pouquinhos... Morrendo aos pouquinhos. Ele começou a morrer e tá quase morrendo mesmo, tá quase acabando. Ele já não tá tendo fôlego, ele está puxando o fôlego pra ele poder viver. O senhor que começou esse Renascer. Não deixa nosso Renascer morrer não [...]. Eu frequento pra não deixar acabar. Porque eu gosto e preciso. Eu preciso porque você sabe, a pessoa que tem problema de depressão, o melhor pra ela é conversar, se divertir, estar junto do pessoal, a melhor coisa é isso. E outra coisa é pra não deixar ele morrer, porque eu vi aquele Renascer nascer e eu não queria que ele morresse... [pelo menos] enquanto eu tivesse viva (MICHELE, 82 anos).

Por outro lado, as pessoas que visitam/frequentam outros centros que desenvolvem atividades para pessoas idosas e que ainda frequentam o Renascer relataram que os motivos que os levam a se deslocarem para outros municípios são as melhores condições de infraestrutura. Segundo eles, em outros centros, o piso é de cerâmica, nas instalações há ar-condicionado, o que gera certo conforto, e, conseqüentemente, uma melhor acomodação das pessoas que frequentam o local.

Como dito anteriormente, uma das atividades realizadas no CEAR é o bingo. Portanto, descreveremos detalhadamente como são desenvolvidos os encontros das terças-feiras. Ulteriormente, relataremos como acontecem as atividades relacionadas ao forró, que, por sua vez, realizam-se às quintas-feiras.

---

<sup>15</sup> Cabe ressaltar que o prefeito em exercício no ano de fundação do CEAR foi reeleito alguns anos depois, coincidindo com o período em que a pesquisa foi desenvolvida.

### 2.3 BINGO!

Os jogos de azar são aqueles cujo resultado é sempre incerto, onde ganhar ou perder depende única e exclusivamente do acaso e da sorte do jogador. Pode-se citar como exemplo jogos de cartas, jogos de dados, rifa, roleta, bingo, dentre outros. Para este estudo, vamos nos delimitar ao bingo, uma vez que essa é uma das atividades realizadas no local de pesquisa.

Existem vários tipos de bingo e dentre os mais comuns estão o de 90 e o de 75 bolas. Há também uma modalidade denominada de *speed bingo*, ou bingo rápido, onde são utilizadas 30 bolas com cartelas que possuem 9 casas (3 por 3), o que, de certa forma, faz com que as partidas durem menos tempo.

O bingo é um jogo de azar onde cada jogador recebe/compra uma ou mais cartelas em que existem 24 números aleatórios, que vão entre 1 e 75 (no caso do bingo de 75 bolas), dispostos no formato de cinco colunas e cinco linhas. Ao se iniciar a partida, bolas numeradas com os referidos algarismos são dispostas dentro de um globo e sorteadas, aleatoriamente, uma por uma. O jogador deve verificar se o número sorteado está em sua cartela e, caso esteja, deve marcá-lo. O jogo encerra-se quando um dos participantes marca todos os números presentes em sua cartela.

**Figura 5 – Cartela de bingo tradicional**



Fonte: Diário de campo, 29 de maio de 2018.

A referida maneira de se conquistar a vitória consiste na forma tradicionalmente utilizada, porém, faz-se necessário salientar que, desde que seja combinado previamente, há outras possibilidades de se vencer, sem que seja necessário preencher todos os números. Para informar que venceu, portanto, o jogador deve, em ambos os casos, dizer a palavra “BINGO”. Desse modo, o sorteio é interrompido e o responsável pelo mesmo realiza a conferência para se certificar de que não houve nenhum equívoco por parte do jogador durante a partida.

### 2.3.1 O BINGO DESENVOLVIDO NO CEAR

Semanalmente, cerca de 30 a 40 pessoas se reúnem para jogar bingo no CEAR. Com entrada gratuita, os encontros têm início, pontualmente, às 13h, e o término acontece por volta das 16h. Ao chegarem ao CEAR, as pessoas servem-se de chá e/ou café – que é oferecido gratuitamente – e se acomodam em suas respectivas mesas e cadeiras. Alguns idosos optam

por se sentarem em grupos de três a cinco pessoas, enquanto outros permanecem em duplas ou até mesmo sozinhos, conforme podemos observar na Figura 6.

**Figura 6 – O jogo de bingo do CEAR**



Fonte: Diário de campo, 24 de abril de 2018.

Antes que o jogo propriamente dito tenha início, é realizada uma celebração<sup>16</sup> semelhante àquelas que acontecem nas igrejas, o que nos leva a compreender que a espiritualidade, para aquelas pessoas, é algo bastante marcante, como pode ser observado no registro a seguir.

Antes do início das atividades, foi realizada uma espécie de celebração, a exemplo das que acontecem nas igrejas. Pude perceber que a espiritualidade é algo bastante presente nas pessoas que frequentam o CEAR, haja vista os cordões e anéis de crucifixo e/ou itens que remetam ao cristianismo utilizado pelas pessoas que lá frequentam (DIÁRIO DE CAMPO, 08 de maio de 2018).

<sup>16</sup> No início de cada celebração os idosos ficam de pé, formando uma espécie de círculo. É um momento semelhante aos que acontecem em igrejas, onde uma mensagem cristã ou alguma passagem bíblica é citada. Em seguida, realiza-se uma breve reflexão sobre as palavras proferidas, que analisadas com base nos valores e preceitos cristãos. Para finalizar, é rezada a oração do “Pai Nosso” e a oração da “Ave Maria”.

Após a celebração, é dado início ao jogo. Além disso, nota-se que algumas pessoas que chegam após às 13h, ao adentrarem no espaço do CEAR, fazem o sinal da cruz, que, no cristianismo, representa a trindade “Pai, Filho e Espírito Santo”.

Observando mais atentamente o “funcionamento” das partidas de bingo – ou “corridas”, como o próprio grupo as denomina –, foi possível entender melhor como acontece esse processo. Inicialmente, os números são sorteados e todos começam a marcar suas respectivas cartelas. Em dado momento, a partida é interrompida e a pessoa que está “cantando o jogo” (como é conhecida popularmente o indivíduo que sorteia e anuncia os números no microfone para os demais jogadores) diz a seguinte frase: “Vamos parar para receber”. Então, algumas pessoas, geralmente relacionadas à organização da atividade, levantam-se e passam de mesa em mesa para recolher o dinheiro dos participantes. Cada jogador paga o valor correspondente à quantidade de cartelas que apresentar. Por exemplo, quem estiver jogando com apenas uma cartela pagará R\$ 0,50. Caso se esteja jogando com quatro cartelas, pagar-se-á o valor correspondente, ou seja, R\$ 2,00 (R\$ 0,50 x 4) e assim sucessivamente. O vencedor recebe como prêmio o dinheiro arrecadado durante a corrida. Se houver mais de um vencedor, o valor é dividido igualmente entre eles. Em média, jogam-se 10 partidas por encontro.

Nesses momentos, nota-se que algumas idosas marcam, ao mesmo tempo, mais de uma cartela; algumas marcam duas, outras quatro ou até oito cartelas simultaneamente. No entanto, uma senhora em especial chamou-me a atenção ao marcar concomitantemente onze cartelas, como pode ser observado na figura a seguir.

**Figura 7 – Participantes do CEAR jogando bingo**



Fonte: Diário de campo, 24 de abril de 2018.

Outra característica marcante do grupo durante os encontros para jogar bingo é o silêncio. Em grande parte deles, as pessoas permanecem com a atenção totalmente voltada para os números que são sorteados. Naturalmente, elas conversam entre si, mas nada que atrapalhe os demais jogadores. Assim, apesar de a quietude ser predominante, vez ou outra é possível ouvir risadas.

Além disso, uma particularidade importante a ser ressaltada é a presença hegemônica das mulheres no CEAR às terças-feiras. Durante os encontros, é possível observar que, dos participantes, apenas três ou quatro são do sexo masculino, enquanto os demais indivíduos são pessoas do sexo feminino. Dessa maneira, é seguro afirmar que, atualmente, o Renascer configura-se como um espaço de lazer predominantemente feminino.

Em relação às condições climáticas, pôde-se observar que em alguns encontros o clima era de chuva, o que nos levava a pensar que a quantidade de pessoas a se reunir naqueles dias estaria comprometida, mas isso rapidamente demonstrou ser um equívoco de nossa parte, pois

Embora o tempo estivesse chuvoso pela terceira semana seguida nos dias de terças-feiras, o comparecimento das pessoas que frequentam o CEAR para jogar bingo foi o mesmo. Como sempre, o número de mulheres é esmagadoramente superior ao número de homens... Me pergunto: por que um número tão elevado de idosas quando comparado aos idosos? (DIÁRIO DE CAMPO, 24 de abril de 2018).

Assim, independentemente do clima, alguns frequentadores do Renascer fielmente comparecem ao local para jogar.

Isso nos leva a outra característica do grupo: existem pessoas que, se comparadas às outras, levam o jogo mais a sério. Enquanto algumas relatam estarem presentes ali apenas por lazer, outras aparentam ter uma necessidade incessante de jogar partidas consecutivas, com o mínimo de intervalos e interrupções possível.

Isso fica mais evidente quando uma das pessoas responsáveis por “cantar o jogo” faz pausas para conversar com os demais participantes, como pode ser observado no fragmento a seguir:

[...] a pessoa que estava ‘cantando o jogo’ constantemente conversava com os jogadores, o que aparentemente é algo incomum para aquele grupo. Em vários momentos ela perguntava às pessoas se elas estavam bem, se já tinham rido naquele dia, dentre várias outras coisas. Contudo, durante essa ‘conversa’, muitas pessoas demonstraram-se insatisfeitas, pois para elas, a hora do jogo é hora de se manter atento e em silêncio e não de ‘jogar conversa fora’. Era possível ouvir alguns comentários do tipo ‘vamos jogar, depois a gente conversa’, ‘a pessoa sai de casa para jogar ou para conversar?’, ‘essa daí conversa mais do que canta o jogo’, havia também aqueles que não se importavam e entravam na conversa [...] (DIÁRIO DE CAMPO, 17 de abril de 2018).

Deste modo, pode-se inferir, em princípio, que existem pelo menos dois grupos de pessoas interessadas em jogar bingo: o grupo dos que jogam por diversão e o dos que jogam “*pra valer*”.

Dando seguimento às observações, foi possível perceber certas peculiaridades do grupo. Dentre elas, gostaríamos de destacar que, durante as partidas, algumas das pessoas que

participam dos encontros escondem as cartelas de bingo. Em outras palavras, alguns participantes tomam posse de uma quantidade de cartelas maior do que eles conseguem usar, entretanto não devolvem aquelas que não têm utilidade, guardando-as em lugares a que os outros jogadores não têm acesso. A prática desse ato pode ser observada principalmente naquelas pessoas interessadas em jogar “*pra valer*”, uma vez que isso acontece com menor incidência no grupo de pessoas que jogam por diversão. Os motivos que levam aquelas a fazer isso serão melhor explorados nas entrevistas e análises.

Novamente, foi possível perceber que alguns dos sujeitos que frequentam o CEAR se apoderam de um número maior de cartelas do que a quantidade que elas realmente usam. Por exemplo, uma pessoa pega seis ou sete cartelas, mas só utiliza três ou quatro. Isso me parece ser um hábito de algumas pessoas, uma espécie de catimba, de manha, de malandragem... No sentido figurado e não no sentido pejorativo, evidentemente. Assim, quando novos participantes chegam, após alguns minutos do início, não há mais cartelas disponíveis, sendo necessário haver a intervenção da diretoria (DIÁRIO DE CAMPO, 08 de maio de 2018).

Quando casos dessa natureza acontecem, as pessoas que compõem a diretoria do CEAR se mobilizam para recolher as cartelas que não estão sendo utilizadas. Assim, passam de mesa em mesa com uma caixa de papelão em mãos, pedindo educadamente para que quem tiver alguma cartela sobrando deposite-a no objeto a fim de que todos tenham a chance de jogar. Desta maneira, algumas pessoas devolvem as cartelas, que são utilizadas por outros jogadores.

As partidas acontecem até as 15h30. Após esse horário, é realizado o café ou o lanche da tarde, que é custeado e preparado pelo próprio centro, seja com recursos próprios ou com materiais doados, como capim cidreira e aipim, por exemplo, pelos próprios associados. A responsável por preparar as refeições – o café e o chá servidos durante as partidas e o lanche ao final do encontro – é a esposa do presidente da associação, a qual informou não receber salário ou bonificação por seus serviços, fazendo-os, portanto, para ajudar seu esposo e a manutenibilidade<sup>17</sup> do espaço.

Às 15h30 as partidas foram encerradas e o lanche (pão e café) foi servido. Este é um dos momentos mais interessantes, pois muitas pessoas sentam-se em suas mesas para conversar com seus pares. No entanto, é possível observar algumas pessoas que optam por não lanchar, deixando o CEAR assim que o jogo é encerrado (DIÁRIO DE CAMPO, 10 de abril de 2018).

---

<sup>17</sup> É entendida aqui como o conjunto de características qualitativas e quantitativas referentes ao projeto e à instalação, que permitem o cumprimento dos objetivos operacionais com mínimas despesas.

Este é um dos momentos mais ricos dos encontros, pois na hora do lanche há uma espécie de confraternização; à essa altura, as pessoas, diferentemente do que ocorre durante as partidas, conversam espontaneamente, sem qualquer tipo de coibição e/ou repúdio dos que encaram o jogo com maior seriedade.

Nos momentos em que estive inserido no campo, os sentimentos eram de prazer em estar ali e alegria por poder compartilhar aquelas situações com os presentes. Além disso, havia o sentimento de pertencimento ao grupo, marcado por um episódio em particular.

No dia em questão, devido a alguns imprevistos, eu não havia levado dinheiro para o CEAR, impossibilitando, assim, que pudesse participar das partidas de bingo. Foi então que

Em certo momento uma senhora perguntou o motivo de eu não estar jogando, então expliquei que meu dinheiro havia ficado em casa e eu estava 'duro' naquele momento. Então fui convidado para ajudá-la a marcar suas cartelas, pois a mesma estava marcando quatro cartelas ao mesmo tempo. Rapidamente aceitei o convite e fiquei bem feliz pois ela havia demonstrado uma preocupação em relação a mim e ao mesmo tempo eu tive a oportunidade de a ajudar de alguma forma. Assim, durante a 'corrida' eu marquei duas cartelas, enquanto a Sra. P. marcou outras duas. Ao final da corrida, nenhum de nós dois ganhou. Mas a dona P. disse que queria jogar de novo e me perguntou se eu poderia ajudá-la novamente. Evidentemente concordei e começamos outra corrida. O jogo seguiu como sempre funciona... Quem está cantando o jogo sorteia algumas pedras e em certo momento há uma pausa para receber o dinheiro dos participantes. Nesse momento, muitas pessoas aproveitam para beber seu chá ou café e em seguida se sentam para dar continuidade ao jogo. As pedras eram sorteadas e ninguém completava sua cartela... Fui marcando as pedras uma a uma até que restasse a única pedra que eu precisava para 'fechar' o jogo: o número 12. Dona P. dizia 'tomara que você vença para nós repartirmos o dinheiro' e eu respondia 'não precisa, dona P., se eu ganhar o dinheiro pode ficar com a senhora.' Então a pedra que eu precisava saiu! Contado comigo, mais duas pessoas fecharam o jogo. O prêmio foi dividido em três pessoas, mas como eu havia prometido, entreguei o que eu havia recebido para dona P., que também ficou muito feliz (DIÁRIO DE CAMPO, 24 de abril de 2018).

Além disso, durante a realização das atividades no CEAR, tem-se a sensação de calma e tranquilidade. Não é possível notar a correria do dia a dia ou a necessidade de se executar as tarefas com rapidez ou em um tempo determinado para que haja maior produtividade, como pode ser observado em outras esferas de nossa sociedade, principalmente no âmbito do trabalho. Ali, as coisas acontecem no tempo dos idosos.

## 2.4 O FORRÓ DO RENASCER

O forró é um baile popular, dançado aos pares, com um número grande de músicas de origem nordestina.

[..] nascido em meio à irreverência, à ousadia, à necessidade de afirmação popular de suas manifestações folclóricas, religiosas e musicais, ou do desejo de pura diversão das camadas mais humildes, enfrentando inclusive rígidos preconceitos e proibições policiais, todos eles oriundos da classe dominante, parece também, se originou daí o que chamamos de forró. Antes, denominado de ‘baile reles, forrobodó, bate-coxas, rala-bucho, baile popular, bate-chinela, etc.’ (CÂMARA, 1982, p. 1).

Ainda segundo o autor supracitado, em diferentes regiões do Nordeste, o forró se constituía para festejar acontecimentos distintos, como, por exemplo, “[...] festejos juninos e nos fins de semana, durante o plantio e nos cortes da cana” e “[...] para comemorar a chegada das chuvas e as boas colheitas”, sendo, desse modo, expandido gradativamente para as demais regiões do país (CÂMARA, 1982, p. 2).

No Renascer, a exemplo do bingo, o forró acontece uma vez por semana, nos dias de quinta-feira. Apesar de ser uma manifestação cultural conhecida nacionalmente, é possível dizer que no CEAR acontece o “forró do Renascer”, com suas peculiaridades e singularidades, que farei o esforço de tentar descrever a seguir.

Em dezembro de 2017, no último forró daquele ano e, coincidentemente, o primeiro de que eu participei, foi feita uma espécie de confraternização. Um número de aproximadamente 50 pessoas compareceu ao Renascer para dançar. Nesse dia, a entrada foi franca e houve sorteio de diversos brindes custeados pelo próprio centro com o dinheiro arrecadado, durante o ano, para os associados que estiveram presentes no local. Além disso, foi feito um bolo para comemorar e desejar a todos um feliz Natal.

**Figura 8 – Forró de fim de ano do CEAR**



Fonte: Diário de campo, 07 de dezembro de 2017

É importante destacar que o CEAR passou um período longo, compreendido entre dezembro de 2017 a maio de 2018, sem a realização do forró. Os motivos que levaram a diretoria a tomar esta decisão serão melhor explicados posteriormente.

No entanto, alguns associados desejavam que as atividades das quintas-feiras voltassem a acontecer e demandaram à diretoria que retornasse a organizar o forró. Desse modo, foi colocado um cartaz na parede do salão comunicando que, a partir do dia 10 de maio, o Renascer voltaria a funcionar como de costume.

Figura 9 – Cartaz de divulgação do forró



Fonte: Diário de campo, 08 de maio de 2018.

Habitualmente, o forró tem duração de duas horas, com início às 14h e término às 16h. Para ter acesso ao salão, um valor simbólico de R\$ 2,00 é cobrado para as pessoas associadas, enquanto a quantia de R\$ 4,00 é solicitada aos não associados ao Renascer. No salão, são colocadas cadeiras para que as pessoas se sentem caso sintam vontade ou estejam cansadas. Evidentemente, as cadeiras não ficam no meio do salão, mas encostadas nas paredes, formando uma espécie de quadrado.

É possível perceber que os homens sentam-se à esquerda e as mulheres, à direita, ficando uns de frente para os outros. Em um primeiro momento, achei estranho que houvesse essa espécie de segregação – os homens sentando-se próximos de outros homens e as mulheres, perto de outras mulheres. Eu não conseguia entender o porquê dessa distância, visto que havia muitos lugares disponíveis.

Contudo, com o passar do tempo, percebi que isso poderia ser uma estratégia dos homens para ter uma melhor visão, isto é, uma visão panorâmica, das damas ali presentes. Acredito que de uma distância um pouco maior pudessem observar quais damas estavam dispostas a dançar naquele momento e/ou as damas que não estivessem cansadas, diminuindo, assim, as chances de uma recusa. Quando a música começava a tocar, os homens levantavam-se e iam em direção às mulheres para convidá-las a dançar, como se fosse uma espécie de cortejo, de galanteio.

Entretanto, assim como acontece nos encontros de bingo, o número de mulheres presentes é superior ao número de homens. Dessa forma, algumas não conseguem dançar com pessoas do sexo oposto, sendo necessário que mulheres dançam com outras mulheres, não sendo possível observar o inverso. Assim, quando a música acaba, há um revezamento dos cavalheiros, com a finalidade de que eles possam dançar com todas as mulheres presentes no CEAR.

As pessoas que frequentam o CEAR nos dias de bingo não são as mesmas que comparecem nos dias em que acontece o forró. Apenas algumas delas frequentam ambas as atividades. Acredito que a escolha pela participação nas atividades desenvolvidas se dê, principalmente, por afinidade, aspecto que pretendo explorar nas análises feitas a partir das entrevistas.

Em relação às vestimentas dos participantes, é possível observar que grande parte das mulheres utilizam roupas simples, leves e coloridas. Já os homens, cores discretas. Apesar do calor, alguns usam calça *jeans*, sapato e até mesmo chapéu.

Para que o forró possa ser realizado, um músico é contratado para tocar e cantar nos dias de quinta-feira. O músico que é responsável por dar o tom do baile se utiliza de um teclado eletrônico que simula o som de diversos instrumentos musicais, tornando dispensável, portanto, a presença de qualquer outra pessoa ou instrumento e, ao mesmo tempo, fazendo com que seja possível um único indivíduo desenvolver o trabalho que em outros cenários seria realizado por uma banda<sup>18</sup>.

Além disso, ele mantém uma parceria com o Renascer há aproximadamente 10 anos, bem como com outros centros de convivência de municípios vizinhos. Desse modo, quando se trata de músicas para idosos, pode-se dizer que ele tem experiência no assunto.

---

<sup>18</sup> Tradicionalmente, apenas um músico toca no Renascer durante os dias de semana. Contudo, nos domingos em que o CEAR promove o forró para o público em geral, é bastante comum a presença de bandas ou de conjuntos musicais.

É importante dizer, ainda, que, embora a atividade desenvolvida seja denominada “forró”, este não é o único ritmo tocado. Isso fica mais evidente ao se perceber o modo como o músico alterna entre os ritmos de forró, bolero e valsa durante o tempo em que está tocando. O forró é um ritmo mais intenso, enquanto a valsa e o bolero são ritmos mais lentos. Essa alternância é necessária para que possa abranger e agradar o maior número possível de pessoas, além de possibilitar que os idosos descansem ou diminuam a intensidade do esforço realizado, tendo a capacidade de desfrutar da dança durante um período maior.

Assim, é possível depreender que o músico tem ciência de que alguns idosos não conseguem dançar em um ritmo muito intenso durante todo o período do evento e, por esse motivo, nota a necessidade de estabelecer essa alternância de ritmos. Mas, ainda assim, durante a atividade é possível observar que alguns idosos permanecem sentados quando se sentem cansados e/ou quando não gostam do ritmo que está sendo tocado. Aparentemente, ao chegar ao CEAR o músico já tem uma *playlist* predefinida. Contudo, isso não impede que os participantes peçam para que ele toque algumas de suas músicas preferidas. Antes de ir embora, portanto, o músico faz questão de atender a alguns pedidos, limitando-se (devido ao horário) a tocar duas ou três músicas pedidas pela plateia.

Uma particularidade notada é que as pessoas que lá estão não se preocupam com a dança no seu sentido estético. Em outras palavras, não se importam como é a aparência delas enquanto dançam ou se os passos estão de acordo com os padrões; estão ali apenas para dançar. Cada qual dança de acordo com suas possibilidades, uns com passos mais largos, outros com passos mais estreitos, sendo que todos os que presentes parecem estar agradados.

**Figura 10 – Forró do CEAR**

Fonte: Diário de campo, 24 de maio de 2018.

Todavia, o número de pessoas que comparecem às quintas-feiras é extremamente baixo. Em média, 20 pessoas frequentam o CEAR para dançar forró, o que faz com que a diretoria se sinta desanimada em continuar abrindo o Renascer para essa atividade. Em conversa com a diretoria, foram elencadas algumas dificuldades financeiras encontradas pelo CEAR, bem como contratempos no que tange à divulgação do evento. Esses obstáculos, de acordo com eles, contribuem para a diminuição da quantidade de pessoas interessadas em dançar forró.

A princípio, de acordo com a diretoria, o CEAR se depara com algumas barreiras em relação à divulgação das atividades realizadas em suas dependências. A primeira delas é que os idosos não têm muita afinidade com as redes sociais. Assim, é inviável realizar a divulgação via internet, seja por e-mail ou por qualquer rede social.

Além disso, ainda segundo a diretoria, foi realizado um pedido para que a rádio comunitária de João Neiva divulgasse as atividades do Renascer, pois, embora muitos idosos não utilizem redes sociais, a grande maioria ouve a rádio. Entretanto, é cobrado um valor em reais para se fazer propagandas e divulgações, impossibilitando que o veículo fosse utilizado como meio de divulgação, dada a situação financeira da instituição.

Por último, uma das alternativas para contornar essas barreiras foi fazer a divulgação por meio de carro de som nas ruas do município. No entanto, novamente a diretoria esbarrou na dificuldade financeira que o CEAR vive.

Como dito anteriormente, o Renascer não recebe verba de qualquer órgão público, seja federal, estadual ou municipal. Dessa forma, a arrecadação é realizada por meio de doações ou por conta própria, através das atividades que lá acontecem, bem como a realização de rifas para angariar fundos, como previsto no art. 14º do Estatuto do CEAR (2017).

A receita do CEAR constituir-se-á das doações dos associados, de donativos, de auxílios e subvenções dos órgãos oficiais e de outras rendas. Organizará atividades comerciais, industriais, bazares, rifas, sorteios, tudo com expressa obediência à legislação pertinente, com o objetivo de aumentar a receita, a qual será, única e exclusivamente, direcionada para finalidades sociais às quais a Associação se destina.

A cantina do CEAR, ao contrário do que acontece nos dias de bingo, é aberta e há comércio de bebidas como cerveja, água e refrigerante para auxiliar na arrecadação de verba.

Para melhor exemplificar, nos dias de forró são arrecadados, aproximadamente, R\$ 60,00 provenientes do valor cobrado para se ter acesso ao CEAR. Todavia, o valor cobrado pelo músico para se tocar das 14h às 16h é de R\$ 150,00. Em outras palavras, para oferecer ao público as atividades das quintas-feiras, o Renascer precisa compensar um déficit de aproximadamente R\$ 100,00 por semana com recursos próprios.

Além dos gastos com o músico, o CEAR ainda precisa administrar custos como as tarifas de energia, tarifas de água e esgoto, assim como aqueles relacionados a materiais de limpeza e ao pagamento de uma diarista responsável pela limpeza do local nos dias de domingo, que, via de regra, é o dia em que há maior concentração de pessoas. Ademais, custos com materiais de consumo, como pó de café, chá, copos descartáveis, guardanapos, dentre outros, também entram na planilha de gastos do Renascer.

Desta forma e, pelos motivos citados acima, o CEAR não tinha condições financeiras de manter o forró, por isso foi preciso suspender a atividade do período de dezembro de 2017 a maio de 2018. Além disso, a quantidade de pessoas interessadas nessa atividade é baixa, tornando insustentável abrir o Renascer às quintas-feiras.

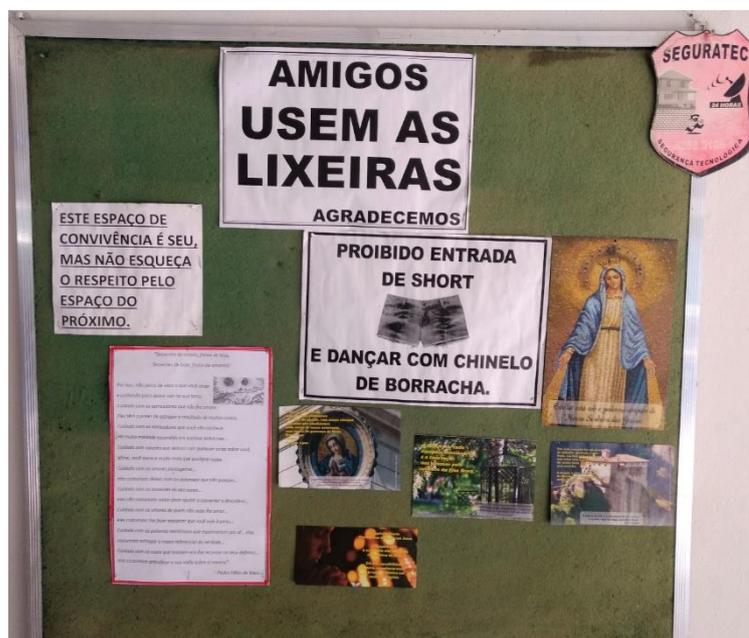
Algumas idosas comentam que em anos anteriores o CEAR era um dos melhores lugares para dançar forró da região. Inclusive, uma delas comentou que “[...] por causa da grande quantidade de pessoas que se dirigiam ao Renascer para dançar forró, as pessoas eram

selecionadas para entrar, mas hoje, devido à escassez de pessoas, qualquer um que queira pode ir dançar forró” (JOSEFINA, 62 anos).

Possivelmente, no tempo áureo do Renascer, devido à grande quantidade e diversidade de pessoas que ali estavam presentes, houve a necessidade de se implementar algumas regras e proibições – com o objetivo de melhorar a convivência, evitar constrangimentos e padronizar as vestimentas a serem utilizadas –, como a inibição do uso de tabaco dentro do salão, bem como de roupas curtas e de chinelos a fim de evitar tropeços e consequentes quedas.

Mas, independentemente da quantidade de pessoas, no local ainda há algumas placas de “proibido fumar” e orientações em relação à vestimenta a ser utilizada, como, por exemplo, a proibição do uso de *shorts*, que pode ser vista na figura abaixo.

**Figura 11 – Quadro de avisos do CEAR**



Fonte: Diário de campo, 22 de maio de 2018.

Cabe salientar, aqui, que em todo o espaço o CEAR há itens (fotos, quadros, mensagens, imagens) que fazem menção a símbolos religiosos, demonstrando que a espiritualidade é algo muito forte naquele grupo, como pode ser observado no quadro de avisos.

Para a diretoria, a baixa quantidade de pessoas que frequentam o CEAR para dançar forró causa tristeza. Infelizmente, a tendência é que o forró seja interrompido novamente se esse cenário permanecer. Contudo, é importante investigar por que isso acontece.

### 3. O TRAJETO TEÓRICO METODOLÓGICO

Em dezembro de 2017, antes que a pesquisa tivesse início, houve uma aproximação entre pesquisador e o Centro Associativo Renascer, bem como com as pessoas envolvidas e responsáveis pela organização do espaço e realização das atividades no local. Manifestei a vontade de pesquisar sobre o CEAR com o intuito de investigar as relações que ali aconteciam. O presidente da instituição me informou que meu pedido seria apresentado aos demais integrantes da diretoria e a decisão seria tomada em conjunto.

Por se tratar de um estudo que busca investigar e compreender as relações que acontecem em um grupo destinado a desenvolver atividades para pessoas idosas, a pesquisa possui uma abordagem de cunho qualitativo, uma vez que

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (MINAYO, 2009, p. 21).

Na semana posterior à realização do pedido, dirigi-me ao campo novamente para saber qual havia sido a decisão da diretoria do CEAR. Para minha felicidade, não houve qualquer objeção ao meu pedido. Dessa maneira, tive acesso ao local onde as atividades são realizadas e pude dar início às minhas observações e anotações. Desse modo, a pesquisa, no que diz respeito aos seus objetivos, classifica-se como descritiva, pois, de acordo com Michel (2015, p. 54), a pesquisa descritiva

Verifica, descreve e explica problemas, fatos ou fenômenos da vida real, com a precisão possível, observando e fazendo relações, conexões, considerando a influência que o ambiente exerce sobre eles. Não interfere no ambiente; seu objetivo é explicar os fenômenos, relacionando-os com o ambiente. Trata-se em geral, de levantamentos das características de uma população, um fenômeno, um fato [...].

A minha intenção era começar a interagir com os sujeitos do grupo sem que eu me identificasse, *a priori*, como um pesquisador, pois isso, no meu entendimento, poderia comprometer a qualidade dos dados coletados durante a minha estadia no local. Contudo, logo de início, uma pessoa da diretoria que estava dando alguns recados com um microfone nas mãos, ao me ver no local, apresentou-me como um estudante de Educação Física que faria uma pesquisa no CEAR.

Após eu ser anunciado para os frequentadores do CEAR, fui questionado por algumas pessoas sobre o que se tratava minha pesquisa e se tinha algum viés político, uma vez que o período de eleições estava se aproximando. Expliquei que se tratava de uma pesquisa de mestrado que investigaria a importância do CEAR para o município de João Neiva e,

principalmente, para seus frequentadores. Além disso, deixei claro que a pesquisa não tinha nenhum vínculo com partidos políticos.

Desta maneira, para melhor descrever, caracterizar e ampliar o entendimento sobre o CEAR, foi necessário acessar os documentos oficiais que regem o funcionamento da instituição. Além disso, partimos do pressuposto de que a minha inserção no campo nos forneceria mais elementos para que pudéssemos ter um entendimento mais aprofundado sobre o *locus* de pesquisa, bem como sobre os sujeitos que frequentam o espaço. Assim, para a coleta de dados, adotamos estratégias metodológicas identificadas com a pesquisa de campo.

Trata-se da coleta de dados do ambiente natural, com o objetivo de observar, criticar a vida real, com base em teoria, para verificar como a teoria estudada se comporta na vida real. [...] tem como objeto de estudo o homem, seu comportamento e experiências, inserido em determinado contexto social (MICHEL, 2015, p.51).

Além disso, algumas pessoas que já me conheciam de outros ambientes e também sabiam da minha trajetória como professor de Educação Física indagavam se a minha presença no local se tratava da possibilidade de eu propiciar atividades alternativas em outros dias, como dança ou ginástica, mas expliquei que, naquele momento, tinha outros objetivos.

Ademais, compreendi imediatamente que apenas observar não me ajudaria a fazer parte do grupo, então utilizei como estratégia para a obtenção de dados a observação participante, pois “[...] esse tipo de observação pressupõe que o pesquisador participe, incorpore-se à comunidade ou grupo, ou realidade estudada. Nessa forma de observar, o pesquisador consegue conquistar a confiança do grupo, facilitando a obtenção de dados” (MICHEL, 2015, p. 85).

Desta forma, por se tratar de uma pesquisa de campo com observação participante, passei a fazer parte do cotidiano do CEAR, observando, jogando bingo, dançando forró e registrando, por meio de imagens, vídeos e escritos, quais as relações estabelecidas por aqueles sujeitos. O período em que estive inserido no campo de pesquisa compreende de dezembro de 2017 a dezembro de 2018, sempre nas terças-feiras e nas quintas-feiras, das 13h às 16h e das 14h às 16h, respectivamente.

Embora tenha coletado informações durante meu processo de inserção no meio pesquisado através de conversas informais e outros registros, em dado momento, alguns sujeitos foram convidados para participar de entrevistas semiestruturadas. Como critério de participação, foram selecionados os sujeitos que apresentam maior frequência, seja no bingo ou no forró, e também aqueles que participam de ambas as atividades. A participação dos

sujeitos deu-se por aderência, ou seja, embora seja convidado, o indivíduo teve a liberdade de aceitar ou não participar da pesquisa.

Além disso, a pesquisa utilizou como instrumentos de investigação os seguintes recursos: diário de campo, registro de imagens, gravação de voz e entrevistas semiestruturadas. Segundo Mattos (2011, p. 50), “[...] os instrumentos de coleta e análise utilizados nesta abordagem de pesquisa, muitas vezes, têm que ser formuladas ou recriadas para atender à realidade do trabalho de campo”.

Cabe destacar que, para preservar a identidade dos participantes da pesquisa, todos os nomes utilizados neste trabalho são fictícios, não apresentando qualquer semelhança ou aproximações com os nomes e/ou apelidos das pessoas do grupo. Além disso, todos os convidados que aceitaram o convite assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Além disso, deve-se salientar que este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal do Espírito Santo, sob o protocolo n.º 95956818.4.0000.5542.

A entrevista semiestruturada buscou: identificar os sujeitos que são aposentados e os que ainda trabalham; destacar os motivos que levaram os participantes a darem início às suas atividades de lazer no CEAR, bem como os motivos que os levam a continuar frequentando o local; identificar os significados, sentidos e/ou vínculos dados pelos usuários ao CEAR; e as relações de sociabilidade que acontecem no espaço. De modo geral, as entrevistas para os membros associados possuíam questões abertas que tangenciavam os motivos pelos quais eles começaram a frequentar o CEAR, bem como os motivos que os faziam continuar frequentando-o. Além disso, buscamos entender quais os anseios daquele público em relação às atividades desenvolvidas no espaço, além de compreender algumas questões relacionadas aos comportamentos peculiares dos usuários daquele local.

Em relação ao roteiro de entrevistas direcionado para os membros da diretoria, além das questões citadas anteriormente, buscamos compreender, também, algumas questões administrativas sobre o funcionamento e o desenvolvimento das atividades no CEAR e, de um modo geral, o que eles conheciam sobre a fundação e história do Renascer.

Os entrevistados optaram por realizar as interlocuções em suas próprias residências, pois, de acordo com os mesmos, ficariam mais à vontade. Assim, a conversa pôde fluir de forma espontânea, não havendo nenhum receio de expor suas ideias. Além das falas obtidas durante as entrevistas, é importante dizer que muitos discursos foram extraídos de diálogos

com os usuários, os quais ocorreram à medida em que as observações participantes eram realizadas durante o período que estive inserido no campo.

Feito isto, deu-se início à produção de dados que proporcionaram categorias de análise que serão apresentadas mais adiante.

### 3.1 CARACTERIZAÇÃO DOS SUJEITOS

Como critério de participação da pesquisa, estabelecemos que, para enriquecimento do trabalho, os participantes deveriam frequentar ambas as atividades, ou seja, o bingo das terças-feiras e o forró das quintas-feiras e/ou domingos. Acreditamos que o fato de participar de todas as atividades desenvolvidas no espaço facilitaria o diálogo acerca do CEAR.

Desta maneira, ao todo foram entrevistados oito sujeitos, dos quais cinco são membros associados e os outros três são membros associados que compõem a diretoria. Além disso, dos oito entrevistados, seis são do sexo feminino e dois, do masculino.

Os indivíduos entrevistados tinham entre 56 e 86 anos e foram informados sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, bem como sobre a gravação da entrevista, anonimato e sigilo de identidade. Dessa forma, puderam participar da pesquisa sem ter quaisquer prejuízos.

Tabela 1. Caracterização dos sujeitos entrevistados e aspectos sociodemográficos.

	Variável	N	%
<b>Sexo</b>	Homem	2	-
	Mulher	6	-
<b>Faixa etária</b>	40 a 59 anos	1	-
	60 a 79 anos	5	-
	80 ou mais	2	-
<b>Escolaridade</b>	Analfabeto	-	-
	Educação Básica incompleta	5	-
	Educação Básica completa	2	-
	Superior incompleto	-	-
	Superior completo	1	-
<b>Renda Familiar</b>	Até R\$ 1.908,00 (E)	6	-
	De R\$ 1.908,01 a 3.816,00 (D)	2	-
	De R\$ 3.816,01 a 9.540,00 (C)	-	-
	De R\$ 9.540,01 a 19.080,00 (B)	-	-
	Acima de R\$ 19.080,00	-	-
<b>Ocupação</b>	Aposentado	7	-
	Não aposentado	1	-

No que diz respeito às condições socioeconômicas<sup>19</sup>, seis entrevistados fazem parte da classe E (até dois salários mínimos<sup>20</sup>) e dois fazem parte da classe D (de dois a quatro salários mínimos), enquanto nenhum entrevistado faz parte da classe C (de quatro a dez salários mínimos), da classe B (de dez a vinte salários mínimos) ou da classe A (acima de vinte salários mínimos).

<sup>19</sup> Para esta pesquisa, utilizamos as *Classes Sociais por Faixas de Salário-Mínimo (IBGE)* como parâmetro socioeconômico. Trata-se de um critério de cálculo objetivo, que leva em consideração o salário atual da pessoa. Disponível em: <<https://thiagorodrigo.com.br/artigo/faixas-salariais-classe-social-abep-ibge/>> Acesso em: 20 de dezembro de 2018.

<sup>20</sup> Valores referentes ao salário mínimo em 2018.

No que se refere ao grau de escolaridade, apenas um entrevistado possui ensino superior completo, enquanto dois concluíram o ensino básico. Por fim, cinco disseram não ter concluído o ensino básico. A média de idade dos participantes é de 71 anos. Dos entrevistados, cinco são casados, um é divorciado/separado e dois são viúvos.

Em relação à ocupação, todos se declararam aposentados, cabendo ressaltar que uma das pessoas entrevistadas está aposentada por invalidez. Contudo, salientaram que ainda continuam trabalhando em casa, realizando tarefas e afazeres domésticos, considerados, por eles, como trabalho, ainda que não remunerado. Para complementar as informações sobre os usuários, trarei ao longo do trabalho descrições que estão vinculadas à minha inserção no campo.

#### 4. IDOSOS E AS RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE

Neste capítulo, abordaremos questões diretamente relacionadas ao envelhecimento, sobretudo em nosso país. Além disso, buscaremos relacionar o envelhecimento com os grupos de convivência, dando ênfase às relações de sociabilidades entre idosos.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), em países que estão em processo de desenvolvimento, o parâmetro utilizado para referir-se a pessoas idosas é a idade de 60 anos. Já em países desenvolvidos, a idade adotada como referência se estende para 65 anos. Essa diferença deve-se ao fato de que em países desenvolvidos a expectativa de vida é maior quando comparada à dos países em desenvolvimento. Contudo, é necessário ressaltar que a idade cronológica não pode ser considerada como um parâmetro isolado, pois

[...] qualquer que seja a idade definida dentro de contextos diferentes, é importante reconhecer que a idade cronológica não é um marcador preciso para as mudanças que acompanham o envelhecimento. Existem variações significativas relacionadas ao estado de saúde, participação e níveis de independência entre pessoas mais velhas que possuem a mesma idade (ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE, 2005, p. 6).

Nos documentos oficiais do Brasil, não há um consenso sobre a idade mínima necessária para uma pessoa ser considerada idosa. De acordo com a Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988), a idade para considerar um sujeito idoso é a de 65 anos, enquanto o código Penal Brasileiro adota a idade de 70 anos para se referir a esse segmento da população. Contudo, conforme apresentado no Estatuto do Idoso (2003), e segundo a Política Nacional do Idoso (BRASIL, 2010), criada com o intuito de garantir os direitos sociais desse grupo, qualquer pessoa maior de 60 anos de idade é considerada idosa.

As nomenclaturas utilizadas para se referir às pessoas com mais de 60 anos são muito diversificadas. Dentre as mais comuns, podemos citar: idoso, longo, ancião, adulto maior, terceira idade, velho (embora essa última tenha ganhado um sentido pejorativo nas últimas décadas), dentre outros. Acreditamos que cada tentativa de definir o que é uma pessoa com mais de 60 anos, defende posições sociais, políticas e culturais de grupos distintos. Entretanto, para dar seguimento ao desenvolvimento do nosso trabalho, adotaremos a denominação utilizada na Política Nacional do Idoso (PNI) (BRASIL, 2010). Por conseguinte, ao referirmo-nos aos sujeitos da nossa pesquisa, teremos como referência a palavra “idoso”. Desse modo, abordaremos o envelhecimento de uma perspectiva mais ampla, e, em seguida, a temática da sociabilidade entre idosos em espaços públicos de lazer.

#### 4.1. IDOSOS E GRUPOS DE CONVIVÊNCIA

Nosso país passa por uma transição demográfica caracterizada pela diminuição das taxas de mortalidade e, ao mesmo tempo, diminuição das taxas de natalidade (OLIVEIRA; FEITOSA; FERREIRA, 2012). De forma geral, ao chegar aos 60 anos de idade a pessoa é considerada idosa, independentemente do seu estado psicológico, social ou biológico. O envelhecimento é um fenômeno mundial e pode-se observar que, de uma forma geral, a população mundial está envelhecendo, o que está atrelado diretamente à redução da taxa de natalidade e diminuição de mortes causadas por epidemias (ISAYAMA; GOMES, 2009) (KUNZLER; BULLA, 2014).

Pode-se entender o envelhecimento como um processo “[...] natural e inerente à condição biológica de todo ser vivo, regido pelo ciclo vital em seu processo normal, que vai do nascimento à morte” (MERCADANTE; BRANDÃO, 2009, p. 6). É, pois, um processo involuntário, automático, ao qual todos nós estamos sujeitos.

Em contrapartida, além das condições biológica e cronológica, há outros fatores que interferem diretamente no que é conhecido como velhice, conforme sinalizado no fragmento a seguir:

A etapa da vida caracterizada como velhice, com suas peculiaridades, só pode ser compreendida a partir da relação que se estabelece entre os diferentes aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. Essa interação institui-se de acordo com as condições da cultura na qual o indivíduo está inserido. Condições históricas, políticas, econômicas, geográficas e culturais produzem diferentes representações sociais da velhice e também do idoso. Há uma correspondência entre a concepção de velhice presente em uma sociedade e as atitudes frente às pessoas que estão envelhecendo (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, p. 585).

Isto posto, é possível entender o envelhecimento como construção cultural e social, sobretudo, moderna. Conforme sinalizado por Groppo (2000), infância, juventude, idade adulta e velhice são categorias geracionais criadas pelas sociedades modernas, que buscam delimitar o papel dos sujeitos de acordo com sua classificação etária.

Desta forma, é possível inferir que sociedades distintas possuem formas peculiares de entender o envelhecimento. Dependendo das condições políticas, econômicas e culturais, há um trato diferente em relação aos idosos e ao processo de envelhecimento. Além disso, cabe ressaltar que tal processo traz consigo mudanças sociais na vida do idoso.

A velhice, como etapa de vida, também é uma palavra carregada de inquietude, de fragilidade e às vezes de angústia. Persistem ainda, nestes tempos modernos, ideias

que datam de épocas muito distantes. Não nos devemos surpreender ao descobrir que muitas das falácias, medos e concepções que envolvem a velhice nos tempos atuais são ecos de culturas e tempos remotos, limitadores da participação desta etapa de vida em atividades recreativas grupais que lhe permitam desenvolver-se plenamente num processo contínuo e permanente (LORDA; SANCHEZ, 2004, p. 15).

Em países desenvolvidos, o idoso passa a ter maior tempo livre, uma vez que passa a receber a aposentadoria e não necessita mais trabalhar para receber um salário ao final do mês. Assim, esse indivíduo pode (ou não) desfrutar de mais opções de atividades de lazer. Por outro lado, em países em desenvolvimento, o acesso à aposentadoria nem sempre é rápido ou fácil, fazendo com que muitas pessoas idosas mantenham suas jornadas de trabalho até que esse processo se concretize.

A instituição da aposentadoria foi um prêmio concedido pela sociedade às pessoas que conseguiam chegar a uma idade mais avançada e que deveriam ceder seu espaço a uma nova geração. Assim as pessoas de terceira idade deveriam aproveitar seu tempo livre e improdutivo para atividades que sempre foram relegadas a um segundo plano devido à falta de tempo. O que tem ocorrido nas últimas décadas é que não foram montadas estruturas sociais que dessem apoio às novas necessidades das pessoas de terceira idade, que se descobriram abandonadas não só pela sociedade, como também pela família que geralmente tem outros interesses (SANTOS e VAZ, 2008, p. 339).

No ano 2000, o Censo demográfico verificou que mais de 60% dos idosos eram responsáveis pelos domicílios brasileiros (BRASIL, 2002). Possivelmente, a decisão de continuar trabalhando nessa etapa da vida se dê principalmente pelas dificuldades financeiras em continuar mantendo seus lares ou até mesmo em ajudar outros familiares que também enfrentam dificuldades em suas finanças, como observado a seguir: “[...] é preciso pensar na realidade daqueles que vivem em países em via de desenvolvimento, como o Brasil, onde a maioria dos idosos não possui renda mensal satisfatória e, por isso, não desfrutam de uma velhice plena, tendo que receber auxílio por meio de programas assistenciais” (KUNZLER; BULLA, 2014, p. 156-157).

Desta forma, ainda que muitos idosos continuem trabalhando para (sobre)viver, de acordo com Schneider e Irigaray (2008), “[...] mesmo nos dias atuais, o envelhecimento aparece associado a doenças e perdas, e é na maioria das vezes entendido como apenas um problema médico”. Dessa maneira, percebe-se que, no imaginário social, associações negativas são feitas ao envelhecimento, fazendo com que seja uma etapa da vida temida e que deve ser retardada o máximo possível.

Inclusive, o idoso passa a ser visto de maneira diferenciada, como incapaz, improdutivo, uma forma decadente, uma vez que o envelhecimento ainda está ligado à incapacidade, ao declínio, à deterioração do corpo (NERI; FREIRE, 2000). É comum ver em

alguns canais midiáticos a imagem de um idoso atlético, na tentativa de incentivar a adoção de um estilo de vida ativo e que contraria a imagem negativa da velhice. Entretanto,

É nesse ponto que a sociedade demonstra-se perigosa, pois, ao mesmo tempo em que pessoas se preocupam com a qualidade de vida, com a saúde, com o bem-estar, outras impõem biótipos, colocam estereótipos musculares e imagens corporais para uma aceitação social. A venda de imagens, de estereótipos, oferece benefícios em curtos prazos, com o aumento da massa muscular ou a rápida perda de peso, porém esses benefícios só serão aproveitados após um longo tempo e podem até ocasionar problemas graves e irreversíveis (BARBOSA; CAMPAGNA, 2013, p. 150).

Segundo Debert (1999), no imaginário social, com o passar do tempo e, conseqüentemente, o avançar da idade, faz com que haja um processo contínuo de dependência e de perdas de papéis sociais, reforçando as associações negativas ao processo de envelhecimento. Alguns estereótipos erroneamente endossam a ideia de que idosos são pessoas excêntricas, rabugentas e doentes, gerando uma imagem distorcida sobre a velhice.

Em contrapartida, Silveira e Stigger (2007, p. 179) fazem uma crítica a essa visão pessimista sobre a velhice, ao constatarem que essas abordagens

[...] equiparam o envelhecimento com declínio, sendo seus argumentos baseados, principalmente, na perda da funcionalidade corporal do indivíduo e na improdutividade no trabalho e no ambiente em que vive. Segundo essa perspectiva, a velhice acarreta o distanciamento dessas pessoas para com a sociedade, pois elas perdem os seus papéis profissionais e familiares, não possuindo, de certa forma, responsabilidades e participação na sociedade em que estão inseridas.

Além disso, os autores salientam que há concepções que abordam o envelhecimento a partir de outra perspectiva, ao compreenderem o envelhecimento como uma etapa de integração e autonomia e não mais como um processo de decadência.

As múltiplas formas de se definir a velhice demonstram o quanto o processo de envelhecimento é complexo, evitado, temido e até mesmo negado. Além disso, algumas nomenclaturas têm o intuito de mascarar os preconceitos que existem socialmente. Na esteira de Neri e Freire (2000), acreditamos que a utilização dessas inúmeras formas de classificação e definição das pessoas mais velhas têm como intenção amenizar a carga negativa de algumas palavras, no intuito de “[...] soar bem, mascarando o preconceito e negando a realidade. Se não houvesse preconceito, não seria necessário disfarçar nada por meio de palavras” (2000, p.18).

O envelhecimento humano, cada vez mais, é entendido como um processo influenciado por inúmeros fatores, como cultura, classe social, gênero, padrões de saúde, individuais e coletivos, da sociedade, entre outros. Fica evidente que, em algumas sociedades, envelhecer aparentemente está associado a algo ruim, embora essa ideia não seja consensual.

Apesar de a sociedade atual potencializar a longevidade, contraditoriamente, nega a importância social das pessoas mais velhas.

É importante valorizar as pessoas mais velhas, uma vez que tiveram uma experiência de vida (positiva ou negativa), e por isso podem possuir entendimentos mais ampliados de determinados assuntos. Apesar, portanto, de as medidas de idade biológica, cronológica, social e psicológica serem relevantes e imprescindíveis para uma melhor compreensão do processo de envelhecimento, elas não podem ser utilizadas como determinantes para definir se uma pessoa é idosa ou não.

Envelhecer é um processo individual, visto que cada pessoa envelhece de forma única; ao mesmo tempo, é um processo social, pois as experiências e vivências sociais que o sujeito adquire/participa durante toda sua vida influenciarão diretamente na forma e concepção de envelhecimento do próprio indivíduo. O processo de envelhecimento deve ser entendido, assim, como uma etapa natural daqueles que vivem, não sendo associada apenas às perdas, mas também aos ganhos (tempo, direitos, benefícios). Um dos elementos para se pensar esse processo social que se vincula ao envelhecimento é pensar justamente nos grupos de convivência.

Assim, os grupos de convivência oportunizam a sociabilidade, principalmente, para pessoas acima 60 de anos. Também são conhecidos como clubes ou grupos da terceira idade/de idosos e, até mesmo, centros de vivência (OLIVEIRA; CABRAL, 2004). Dentre os motivos citados para a procura por grupos de convivência, a literatura sinaliza que, de modo geral, existem dois grandes grupos de pessoas que buscam ingressar nesse tipo de associação: um grupo busca melhorias que tangem ao aspecto físico ao passo que o outro procura melhorias no aspecto social.

No que se refere à procura alicerçada em aspectos orgânicos, constata-se que os principais motivos pela procura são: manutenção da saúde (PENNA; SANTO, 2006); amenizar dores (GOMES; PINTO, 2007); melhorar a saúde (FENALTI ; SCHWARTZ, 2003) e a qualidade de vida (DEGÁSPARI;SCHWARTZ, 2005); indicação médica; e manter o equilíbrio biopsicossocial (PENNA; SANTO, 2006), bem como aumentar a expectativa de vida (FENALTI; SCHWARTZ, 2003; GOMES; PINTO, 2007).

Em contrapartida, os principais motivos apontados pelo segundo grupo são: a busca por grupos de terceira idade por entendê-los como oportunidade de lazer (GOMES; PINTO, 2006), adquirir conhecimento, amizades, novo sentido de vida, ocupar o tempo livre e ter

lazer (SOUZA, 2004); livrarem-se da solidão e aumentar a autoestima (BULSING et al., 2007); aumentar a participação social e ampliar amizades (FENALTI; SCHWARTZ, 2003; GOMES; PINTO, 2007; DEGÁSPARI; SCHWARTZ, 2005; PEREIRA;PEREIRA; MORELLI, 2006; SOUZA; OLIVEIRA; CABRAL, 2004). Dessa maneira, pode-se observar que os momentos de lazer são imprescindíveis para que os idosos alcancem seus objetivos de melhorias vinculadas às suas vidas sociais.

Assim, observa-se que as relações de sociabilidade acontecem, sobretudo, nos momentos de lazer dos sujeitos. Tendo em vista que “[...] uma das características mais interessantes dos ambientes públicos é a possibilidade de tornarem-se lugares de encontro por meio dos usos combinados e cruzados, pois se mostram como expressão da vida coletiva de uma sociedade” (RECHIA, 2009, p. 77) e que os espaços públicos de lazer são capazes de potencializar as relações sociais, buscaremos entender como acontecem as sociabilidades dentro desses locais, dando foco às pessoas idosas.

Isayama e Gomes (2008, p. 172) salientam a importância do lazer para idosos, enfatizando os benefícios sociais e psicológicos para os mesmos:

[...] O lazer na velhice pode favorecer a ampliação do círculo de amizades, a descoberta de novas potencialidades, a superação de limites, a melhoria do humor, da ansiedade e da depressão; a diminuição da vulnerabilidade a doenças e ao estresse psicológico, a recuperação da auto-estima, a redescoberta de seu valor e papel na sociedade e a integração social. Essas são algumas das razões que salientam a importância de ampliar o acesso das pessoas idosas ao lazer (ISAYAMA; GOMES, 2008, p. 172).

Indo ao encontro das afirmativas supracitadas, Thomaz (2005) reitera a importância do lazer dos momentos de não trabalho e, ainda, ressalta como essas vivências contribuem para a socialização dos envolvidos:

É no tempo livre das obrigações cotidianas que o ser humano dá asas à imaginação, descobre formas produtivas de ser alegre, de ver atendidos seus interesses e suas necessidades de sobrevivência, de *satisfazer seus desejos e sonhos, de trocar experiências, afetos e bens materiais, de descobrir novas amizades* e de construir novas teias ou redes de relações em busca da felicidade (THOMAZ, 2005, p. 326, grifo nosso).

Em ambos os trechos citados acima, é possível observar elementos de associação, onde os sujeitos se reúnem para satisfazerem seus desejos e anseios, ou mesmo para interagir com o outro. Assim, ao buscarmos apoio na literatura, constatamos que, no âmbito acadêmico, o lazer urbano é pouco discutido, conforme sinalizado por Pavez e Dias, 2018, p. 97:

O lazer no espaço urbano é, ainda hoje, pouco discutido no meio acadêmico, entretanto, merece maior atenção, tendo em vista o que representam estes espaços na dinâmica da cidade: local onde as pessoas se encontram, se conectam, criam laços entre si e com a cidade, construindo sociabilidades.

Contudo, acredito que o lazer urbano é um tema em crescente, seja no universo brasileiro ou no internacional. Além disso, é seguro afirmar que o lazer urbano possui um leque maior de discussões quando comparado ao lazer rural.

Magnani (1988), que tinha como foco as interações em espaços de lazer, cria o termo “*pedaço*” como uma das categorias para melhor entender as sociabilidades que acontecem em espaços de lazer, esclarecendo que esse “termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica [...]” (MAGNANI, 1988, p.39).

Os espaços públicos de lazer devem permitir, através de seus elementos e das atividades ali desenvolvidas, que os sujeitos permaneçam no local e, conseqüentemente, estabeleçam relações sociais. “O “*pedaço*” é, ao mesmo tempo, resultado de práticas coletivas (entre as quais estão as de lazer) e condição para seu exercício e fruição” (MAGNANI, 1996, p.13).

Os estudos de Magnani (1996) inicialmente buscaram investigar o lazer nos bairros, revelando a importância dos laços de familiaridades e de vizinhança nas interações sociais, elemento que, para o autor, é essencial para definir quem pertence ou não ao *pedaço*.

Posteriormente, em outro estudo (1992), o autor supracitado investigou as relações coletivas e os espaços/lugares onde essas ocorriam. Passou da investigação de práticas de lazer e encontros entre indivíduos que se conheciam à investigação dessas mesmas relações entre pessoas desconhecidas. Assim, durante a análise, o autor criou duas categorias macros: a *simbólica* e a *espacial*. Dentro dessas duas categorias, outras quatro subcategorias de análises foram elaboradas: o *pedaço*, o *trajeto*, o *pórtico*, a *mancha* (e, posteriormente, em 2006, o “circuito” foi adicionado).

A categoria *simbólica* refere-se a elementos que apresentam maior ambivalência, em que os sujeitos podem se reconhecer como “[...] portadores dos mesmos símbolos que remetem a gostos, orientações, valores, hábitos de consumo, modos de vida semelhantes” (MAGNANI, 1992, p.195). Já a categoria *espacial* refere-se aos símbolos que fazem alusão a uma identidade local, manifestando-se em manchas de lazer e configurando-se como “lugares que funcionam como ponto de referência para um número mais diversificado de frequentadores” (MAGNANI, 1992, p.196).

O *pedaço* descreve um local específico em que as pessoas se unem, com uma certa frequência, devido a terem uma identidade simbólica em comum. É um espaço que se caracteriza quando “[...] torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações, recebe o nome de ‘pedaço’” (MAGNANI, 2006, p.21).

Como neste estudo, o nosso local de estudo é o CEAR, que entendemos ser melhor descrito pela categoria “pedaço”, visto que os sujeitos que ali encontram-se com uma certa frequência estabelecem e estreitam suas interações sociais. Aprofundaremos a discussão sobre o “pedaço do CEAR” no capítulo seguinte.

Um dos principais motivos que levam alguns idosos a buscar grupos de convivência é o fato de que se sentem sozinhos em casa, bem como o de possuírem a sensação de abandono em relação à família (ABADE; GOMES, 2016), buscando espaços semelhantes ao do CEAR no intuito de se encontrarem com amigos, uma vez que nesses locais são realizados alguns jogos – entre os quais podemos citar os jogos de azar – que, por sua vez, configuram-se como atividades de lazer.

Em uma de suas pesquisas, Silvera e Stigger (2004), ao realizarem um estudo com um grupo de idosos que frequentavam um espaço de lazer em uma praça pública do estado do Rio Grande de Sul, demonstraram que os muitos usuários frequentam aquele espaço para estreitarem seus laços de amizades e/ou conhecer novas pessoas.

Posteriormente, em um estudo que buscava compreender as relações de sociabilidade que aconteciam em um grupo de homens idosos que se reuniam para participarem de diversos jogos (jogo de cartas, dominó, jogo de damas, xadrez e o jogo de bocha) na cidade de Porto Alegre, Silveira e Stigger (2007) constataram que aquele se tratava de um espaço carregado de significados e um forte sentimento de pertencimento por parte de seus integrantes, como se fosse uma espécie de segundo lar, sendo sustentado, principalmente, pelas sociabilidades lúdicas que ali ocorrem.

Estas redes de sociabilidades se aproximam do conceito de Simmel (2006), pois, para o autor, “a própria sociedade, em geral, significa a interação entre indivíduos (p. 59)”. Assim, a união entre pessoas com objetivos e interesses em comum e a maneira como os sujeitos interiorizam e exteriorizam suas vontades e desejos – apesar de nem sempre pacíficas – tecem os princípios básicos do que o autor denomina de sociações.

Contudo, o autor ainda ressalta que os sujeitos, durante suas interações, constantemente sofrem e exercem efeitos sobre os demais, fazendo com essa interação componha o que chamamos de sociedade. Essas interações acontecem em todos os lugares, como no trabalho, em igrejas e, principalmente, em espaços públicos de lazer, como, neste caso, o CEAR.

Essas formas adquirem então, puramente por si mesmas e por esse estímulo que delas irradia a partir dessa liberação, uma vida própria, um exercício livre de todos os conteúdos materiais; esse é justamente o fenômeno da sociabilidade (SIMMEL, 2006, p. 64)

Embora os espaços públicos de lazer privilegiem as relações de sociabilidade de seus usuários, é importante destacar que para uma iniciativa de política pública de lazer seja bem-sucedida é necessário que essa venha, de fato, a suprir as necessidades e as demandas da comunidade em que será desenvolvida. Mas, para isso, é necessário envolver a comunidade em todas as etapas do processo, desde a proposta do projeto até a implementação dos equipamentos de lazer, conforme observamos nas palavras de Peres e Melo (2009, p. 71):

Muitos projetos chegam às comunidades e pretendem determinar exatamente o que os moradores e o público envolvido necessitam. Com um olhar de ‘fora’, muitas vezes a própria comunidade é responsabilizada por isso, já que supostamente não teria ‘entendido’ a proposta do projeto. Ora, por que a comunidade não foi consultada? Por que não foi envolvida em todas as fases do desenvolvimento do projeto, desde a elaboração da proposta, passando pela implementação, chegando até a avaliação?

Da mesma maneira, quando se trata do público idoso, é importante que antes de implementar qualquer programa que tenha como público-alvo as pessoas acima de 60 anos, os mesmos sejam consultados para não correr o risco de o programa não atingir seus objetivos ou ter que ser encerrado por falta da participação da comunidade. Conforme Santos e Vaz (2008, p. 340), “o objetivo não deve ser criar lugares apenas para agrupar os iguais, como os albergues. Os grupos devem se formar a partir do desejo das pessoas de se relacionarem”.

No CEAR é possível observar que, a despeito de ter surgido devido à demanda dos idosos na década de 1990, atualmente a quantidade de pessoas desse segmento populacional que integra o referido espaço é relativamente pequena. Por outro lado, o fato de o espaço ser cercado por muros faz com que o Renascer pareça ser um local privado, o que, no meu entendimento, contribui para o afastamento das pessoas e para a não aderência de novos integrantes.

Em outras palavras, se o espaço fosse aberto, existiria a possibilidade de diversas pessoas o utilizarem para outras atividades. Ao observarem as práticas de lazer que ali

acontecem, essas mesmas pessoas poderiam optar por participar ou não das atividades. Rechia (2009, p. 77) denomina isso de *usos principais e usos derivados*.

Usos Principais – funcionam como âncora e atraem as pessoas àquele determinado lugar, como escolas, centros de saúde, empresas, igrejas, parques, praças, centros esportivos e culturais, entre outros. E Usos Derivados – coretos, quiosques, bares, restaurantes, lanchonetes, lojas, práticas corporais, os quais são movimentos que surgem em consequência da presença dos usos principais. Assim, conclui-se que essa combinação dos usos é que torna o lugar vivo, pois gera a diversidade urbana.

Tendo em vista que o CEAR, apesar de ser uma entidade sediada em espaço público, não está aberto à população de modo geral – em outras palavras, não é permitido que as pessoas transitem pelo local ou que utilizem as dependências da instituição para outras práticas de lazer a não ser o bingo e o forró (uso principal) –, é possível depreender que se o local permitisse que novas pessoas transitassem e permanecessem no local realizando outras atividades, como piqueniques, atividades ao ar livre ou até mesmo descansar (usos derivados), seria mais fácil manter o espaço sempre cheio, facilitando assim, a adesão de novos usuários para o forró e o bingo.

Para dar seguimento ao nosso trabalho e melhor compreendermos as relações de sociabilidade que acontecem no CEAR, recorreremos a entrevistas semiestruturadas.

## 5. AS RELAÇÕES DE SOCIABILIDADE NO CEAR

Neste capítulo, elaboramos duas categorias de análises, sendo que a primeira intitula-se “*O pedaço do CEAR*”. Nelas, apresentamos também a perspectiva dos frequentadores sobre o local, onde percebemos, por parte das pessoas que ainda frequentam o espaço, que há um forte sentimento de pertencimento, sustentando uma rede de sociabilidade entre os frequentadores (MAGNANI, 2003). Para isso, utilizaremos as falas, observações e anotações do diário de campo para mostrar como aquelas pessoas que frequentam o espaço sentem-se como parte da instituição.

A segunda categoria foi denominada “*A dinâmica das práticas: sociabilidades, tensões e códigos de conduta*” e nela serão apresentados, para além das relações de sociabilidade, como as pessoas se articulam nas atividades e as tensões e regras de como se portar, as quais permeiam o espaço.

Desta maneira e, como dito anteriormente nas descrições metodológicas, para a produção de dados foi necessário que nós entrevistássemos as pessoas que frequentam o CEAR enquanto associados, bem como as pessoas que frequentam o CEAR e, ao mesmo tempo, compõem a diretoria, desempenhando um papel fundamental no que diz respeito à organização e desenvolvimento das atividades daquele espaço. Além disso, foram utilizadas as anotações oriundas do diário de campo no sentido de complementar as informações acerca do espaço e frequentadores.

Para isso e, partindo da percepção de que os associados do Renascer possuem desejos de mudanças e melhorias para essa associação e que tais anseios nem sempre conseguem ser supridos devido às limitações financeiras da instituição (melhorias de infraestrutura, a volta do forró nas quintas-feiras e a renovação das cartelas de bingo, por exemplo), formulamos dois questionários de entrevistas (ANEXO I e II) semiestruturadas, sendo que o primeiro destinava-se aos membros associados e o segundo, aos integrantes da diretoria.

## 5.1 O “PEDAÇO” DO CEAR

Durante o tempo em que estive inserido no campo, pude observar que o Centro Associativo Renascer configura-se como um espaço de lazer predominantemente feminino e essa foi uma das questões abordadas durante as entrevistas. Além disso, durante a produção de dados e, principalmente durante as entrevistas, passei a compreendê-lo também como um ponto de referência para que encontros entre amigos sejam realizados. Alguns elementos podem ser observados nas falas que serão apresentadas neste tópico, ajudando-nos a melhor entender a organização do CEAR do ponto de vista dos frequentadores.

Em um estudo que buscava investigar as atividades de lazer que os brasileiros de diferentes faixas etárias realizavam nos finais de semana, Gonçalves, Pereira e Raimundo (2017) identificaram que as mulheres brasileiras preferiam realizar atividades de cunho social, enquanto o público masculino, predominantemente, optava por atividades de cunho físico-esportivo. Essa preferência do público masculino por atividades como ginástica e esportes poderia explicar, em parte, a predominância do público feminino no CEAR.

Contudo, em um estudo realizado na cidade de São Paulo, que buscou identificar os motivos pelos quais um grupo de idosas ingressava em atividades destinadas à sua faixa etária, constatou-se que

As motivações para a prática de atividades físicas envolvem o convívio diário possibilitado pelas novas relações de coleguismo e até mesmo de amizades concretizadas ao longo das atividades e busca pelo bem-estar, por novos conhecimentos e pela perspectiva de melhorar a qualidade de vida através dos vínculos estabelecidos e das experiências compartilhadas. De alguma forma, todos os relatos se aproximavam, certamente pela semelhança das trajetórias e por todas serem mulheres marcadas pela pobreza e ausência de oportunidades ao longo da vida (RODRIGUES; FERNANDES, 2016, p. 21).

Algumas dessas características, como ausência de oportunidades ao longo da vida e escassez de recursos financeiros, vão ao encontro dos perfis dos entrevistados no campo. Contudo, ao dar voz aos participantes da pesquisa, os entrevistados foram questionados sobre os possíveis motivos da hegemonia feminina. No entanto, de modo geral, não houve um consenso. Para os entrevistados,

Eu vou te explicar um negócio, isso não é só aqui, acontece em todos os forrós. Em todos os forrós que você vai agora vai mais mulher do que homem. Domingo retrasado nós fomos num forró, num clube que eu vou falar pra você, eu mesma nunca tinha entrado num clube tão bem equipado e tão bem arrumado igual esse que eu entrei. Esse clube é numa fazenda, mas vou falar pra você, tem ar condicionado até nos banheiros, e tem banheiro mesmo, em todo lugar que você vai tem banheiro, tudo limpo e arrumado. Era um encontrão, tinha ônibus de todos os lados, tinha muitas pessoas, acho que tinha mais ou menos mais de mil pessoas, e tinha muito

mais mulher do que homens, isso é em todo o forró. Nós fomos visitar um clube há um mês e foi a mesma coisa, muito mais mulher do que homens, isso tá acontecendo em todos os forrós, mas você sabe por que? As pessoas dos grupos de fora vêm todos com seus pares, já vem certo pra dançar. Aí vem o dobro de mulher e as mulheres que vêm, não vêm acompanhadas, e quando chega aqui ficam sobrando e tem que dançar mulher com mulher. Igual aqui tem que dançar mulher com mulher, isso aí é em todos os forrós que eu tenho ido. Eu mesmo dancei com muita mulher nesse clube chique eu falei com você. (MICHELE, 82 anos)

Ah, menino, agora você me pegou. É mesmo, teve um dia que a gente foi no bingo e só tinha um homem – que já até morreu – mas não sei te dizer o porquê. No forró também, tem mais mulher do que homem, acho que é porque os homens morrem mais cedo [risos]. Sei lá, já reparei isso, mas eu não sei o porquê não. (NICOLE, 82 anos)

O homem você sabe, acho que ficam com dó de gastar dinheiro, e homem é mais seguro mesmo. O homem não tem aquela paciência de jogar. Ali dá pouco homem, e também os homens que iam lá morreram. Se eu for falar pra você os homens que iam no forró e já morreram, tem mais de 20 que iam, que frequentavam, que jogavam e gritavam bingo ali pra nós, morreram. Por isso eu acho que fracassou, porque não entrou gente no lugar pra substituir aqueles. (INÁCIA, 76 anos)

É porque os homens não gostam de ir, de gastar. Uns falam que não querem gastar porque o dinheiro que eles gastam em bingo, eles fazem outras coisas, porque pra eles gastar o dinheiro em bingo não dá. (EDUARDA, 85 anos)

Eu acho que vai mais mulheres porque elas têm mais tempo, apesar de ter mais idosas. Muitas idosas vão lá pra passar o tempo. Igual uma senhora da direção que é alegre, ela sempre fala ‘ao invés de vocês ficarem em casa falando da vida dos outros vem pra cá que vocês vão se divertir mais, vão conversar, vão fazer novos amigos’ e por isso que eu acho que vai mais mulher. E homem geralmente trabalha às vezes é aposentado mas viaja ou trabalha e não tem tempo pra poder ir. (DIEGO, 56 anos)

Em relação à constatação do espaço ser dominado pelo público feminino, pude confirmar, durante as observações, o fato de que mais mulheres frequentarem o Renascer quando comparadas aos homens, seja no bingo ou no forró, reforçando a predominância feminina no local. Esse aspecto também pode ser observado na diretoria, que, embora seja presidida por um homem, tem os demais cargos ocupados por mulheres, que além de trabalhar na organização, buscam também um local para realizar suas práticas de lazer.

De modo geral, os espaços públicos de lazer, como praças, parques e outros, são espaços que privilegiam as relações sociais. Conforme Leite (2011, p. 159), “praças, ruas, jardins e parques, em suas múltiplas funções, constituem o cerne do sistema de espaços livres das cidades, e neles a sociabilidade não pode ser relegada a plano secundário”. Sendo assim, os espaços públicos de lazer são lugares onde ocorre interação dos sujeitos, ou seja, onde acontecem as relações de sociabilidade. Para Silva et al. (2012, p. 184), “os fatores

motivacionais para se frequentar os espaços públicos de lazer estão relacionados à busca por hábitos saudáveis e interação social”.

Além dos motivos citados pelos frequentadores sobre a permanência no Renascer, durante as entrevistas tivemos como resposta que ‘manter o contato social com o outro’ foi a principal justificativa citada para a que os associados prosseguissem frequentando o CEAR.

Em um de seus estudos, Iwanowicz (2000, p. 119) sinaliza que ao se aposentar e ser afastado do trabalho, o idoso “[...] perde não somente os amplos vínculos sociais, mas também a principal razão social da sua existência, que é o processo de manter as relações com o meio ambiente social e material”. A autora ainda diz que idosos nessa situação buscam atividades denominadas “lazer” na tentativa de recuperar seu papel social.

Nesta mesma esteira, Zago e Silva (p. 66, 2003) apontam que “[...] a aposentadoria afastou o convívio dos colegas e deixou um tempo vazio a ser preenchido. O velho passa a sentir-se inútil, pois não tem mais, para a sociedade capitalista, valor produtivo”. Entretanto, contrapondo essa concepção do idoso como um ser improdutivo,

Beauvoir (1990) relata experiências em países como a Inglaterra, a Suécia, os Estados Unidos e a França que procuram incentivar as pessoas de terceira idade a juntarem-se em associações para não se deixarem dominar pela solidão e pela depressão. Esses grupos propiciam condições, segundo a autora, para que as pessoas tenham uma vida social ativa e muitas vezes produtiva. O objetivo desses grupos não é produzir algo lucrativo no sentido de obter uma renda financeira, mas de obter satisfação através de determinadas atividades como dança, teatro, viagens, artesanato ou até mesmo a aprendizagem de uma nova profissão ou de uma nova língua que faça com que a pessoa se sinta em crescimento, mesmo que aparentemente pareça que estas atividades não tenham sentido e aplicabilidade nesta altura da vida (SANTOS; VAZ, 2008, p. 339).

Para Inácia (76 anos), uma das razões para não deixar de ir ao Renascer “[...] é a solidão mesmo. Não tenho onde ir. Fico a semana inteira sozinha, quando tem um forrózinho ali a gente vai lá pra se divertir, pra distrair. Dia de terça tem o bingo e a gente vai lá pra distrair, né, porque já fico sozinha demais”. Nessa mesma direção e, corroborando com a fala da usuária anterior, Nicole (81 anos) narra que

Eu vou pra sair de casa, pra não ficar presa dentro de casa. Há um tempo atrás eu vi que eu não estava me sentindo muito bem [...] E eu sempre fui criada com muita gente e agora que eu fiquei sozinha e, na minha idade, eu acho que eu preciso sair, às vezes eu até gosto de ficar em casa, mas eu preciso sair.

É possível observar que o CEAR constitui-se como um espaço de encontro entre pessoas, amigas ou não, e como um local em que há a possibilidade de interagir e conversar com o outro, tendo com uma das finalidades mitigar a sensação de isolamento, estimulando as relações sociais entre seus frequentadores (SILVA et al, 2012).

Para Santos e Vaz (2008, p.335),

A terceira idade é uma fase da vida marcada por vários estereótipos como a passividade, a improdutividade, a assexualidade, a degeneração orgânica e psíquica, além da desvinculação com o futuro e a alienação. Dentre eles, o isolamento social é um dos que mais afeta o bem estar do indivíduo de terceira idade e contradiz a sua necessidade de socialização e convivência intergeracional.

Ainda, segundo os autores supracitados, embora muitas vezes a *solidão* e o *isolamento social* sejam tratados como sinônimos, esses fenômenos precisam ser tratados de forma diferenciada. Enquanto a solidão é abordada como o sentimento de ser afastado dos outros, o isolamento social corresponde à separação física.

[Algumas pessoas] são levadas à situação de solidão por afastamento do ambiente de trabalho, do local de residência e também pela morte dos parentes e amigos. A solidão seria assim o conjunto de uma série de fatores como o isolamento e as perdas decorrentes da passagem do tempo. As situações de isolamento social facilitam a ocorrência da angústia de solidão que leva aos estados depressivos e regressivos, às doenças somáticas e inclusive à morte quando o distanciamento se torna muito acentuado (SANTOS; VAZ, 2008, p. 335-336).

Nesta mesma perspectiva, Zago e Silva (p. 71, 2003) sinalizam que

O tecido social representa um elemento primordial na conservação da sua saúde, tanto física quanto psíquica, uma vez que o isolamento social provoca o aparecimento da angústia, da solidão, tão freqüentes no idoso, por terem sido cortados e afastados dos outros e definem bem sua situação de “estar só” ou de “abandono”.

Deste modo, na tentativa de evitar o isolamento social e, por consequência, a solidão, muitos idosos buscam centros de convivência, a exemplo do que acontece no Renascer, acentuando a importância desse espaço para a população do município e, sobretudo, para os frequentadores mais antigos. “Esses grupos propiciam um compromisso regular, que não apenas ocupa um espaço temporal, mas também preenche o vazio do sentimento de solidão que na terceira idade, quando frequente, traz danos à saúde física e mental” (SANTOS; VAZ, 2008, p. 340).

Nos momentos em que estão no CEAR, as entrevistadas descreveram sentirem-se bem, felizes, alegres, como narram a seguir.

Eu me sinto feliz, porque eu fico aqui sozinha a semana inteira. Igual a minha nora, ela desceu aqui, fez aquele agradinho, mas tem vez que ela passa a semana inteira sem vim aqui em casa. Eu converso mais com meu ex-marido do que com minha nora e minhas duas netas. Quando vou [ao Renascer] me sinto bem, parece que o mundo se abre pra gente, porque eu gosto de estar conversando, eu gosto de estar num lugar que eu converso, contando piadas, falando bobagens para os outros, eu adoro, eu gosto (INÁCIA, 76 anos).

[...] Acho que isso daí é um ‘conviver de saúde’ pras pessoas que já estão idosas igual eu e outros que estão mais. Porque as pessoas da minha idade, da mesma idade ou mais novas dos que eu, se sentem bem estando num lugar assim, porque ali você

encontra uma conhecida, você encontra outra, encontra outra, ali você conversa, você senta e conversa, você bate um papo, ali você ri, você brinca. Aquilo ali tá distraindo a cabeça da gente, tirando da cabeça da gente aquele pensamento ruim [...] (MICHELE, 82 anos).

Ah, eu me sinto tranquilo, me sinto à vontade. O espaço é grande, é aberto, é ventilado. Além de tudo tem aquela vegetação ali do lado, aquelas árvores. Então eu fico bem. A minha casa é pequena e faz muito calor. Já pensou eu ficar dentro de casa assistindo televisão e sentado? A pessoa sentada fica sedentária né? E lá daquele jeito, eu vou pra lá, fico brincando, é um divertimento pra mim (DIEGO, 56 anos).

Me sinto bem, eu gosto. Gosto porque me tratam bem e eu trato bem os outros. Mas eu me dou bem com todo mundo, não tem nenhuma [pessoa] que eu estou de mal, nenhuma. Tem 20 anos que eu estou aí dentro. E vem gente de Vitoria vem gente de Coqueiral. Se você visse... [...] eu tenho as fotografias das minhas amigas e todas abraçadas comigo e me beijando... não sabiam o que fazer comigo, é bom né?! (EDUARDA, 85 anos).

As falas acima simbolizam alguns dos sentimentos que as pessoas nutrem e mantêm em relação ao CEAR. Nessas alocações, é possível notar elementos que nos levam a inferir que o espaço é agradável e configura-se como um local onde as pessoas têm a possibilidade de interagir com o outro, conversar e se divertir juntamente com seus amigos, afastando-se de sentimentos como a solidão. Assim, na esteira de Magnani (2003, p. 7), o CEAR pode ser entendido como um ‘pedaço’ cujos frequentadores demonstram “[...] lealdades, códigos compartilhados, pertencimentos; a recorrência de seu uso apontava para uma riqueza de significados [...]”, tornando-se um espaço acolhedor para as pessoas que fazem parte do pedaço.

Além do fortalecimento dos vínculos de amizades já existentes, também é possível notar que, durante as atividades desenvolvidas no local, há também a possibilidade de que novas amizades sejam criadas (SILVERA; STIGGER, 2004), como mencionado por uma participante.

Eu gosto de jogar bingo, eu gosto de dançar, eu gosto de conversar com as minhas colegas, eu converso muito com as minhas colegas, vem gente estranha de Vitória, e em apenas uma vez que elas vêm ficam tudo conhecida minha, conhece logo todo mundo, elas me perguntam as coisas eu falo pra elas, eu falo: a terceira idade de João Neiva é uma beleza (EDUARDA, 85 anos).

Contudo, é apontado por Magnani que, para fazer parte do pedaço, há alguns critérios a serem seguidos:

[...] não bastava passar por esse lugar ou mesmo frequentá-lo com alguma regularidade para ‘ser do pedaço’; era preciso estar situado numa peculiar rede de relações que combina laços de parentesco, vizinhança, procedência, vínculos definidos por participação em atividades comunitárias e desportivas, etc. (2003, p. 7).

Desta maneira, o pedaço do CEAR configura-se como um local que, apesar de ser aberto a novos participantes, é composto principalmente por pessoas que possuem laços de amizades mais antigos, onde é desenvolvida uma sociabilidade “[...] mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade [...]” (MAGNANI, 2006, p. 116). Isso não impede que novas pessoas entrem no grupo, desde que passem a frequentar com assiduidade.

Além do sentimento de pertencimento e da vontade de manter contato com o outro, uma segunda justificativa dada pelas pessoas que ainda continuam frequentando o CEAR foi a proximidade do espaço com a sua residência. Em um estudo que buscava entender os motivos da utilização dos espaços públicos de lazer, Silva et. al. (2012, p. 180) identificaram que “[...] uma das razões de frequentar os espaços de lazer está relacionada com a subcategoria comodidade. Dentre os fatores motivacionais, considerou-se a proximidade das residências dos entrevistados em ambos os espaços”.

Além disso, ainda segundo os autores, “o contato com a natureza, a proximidade das residências dos frequentadores, as características e a segurança desses espaços também são considerados fatores motivacionais” (SILVA, et al., 2012, p. 184).

Isto pode ser observado nas falas dos frequentadores CEAR quando relatam que

[...] eu não sou de ficar passeando na casa de um, na casa de outro e pra eu ir na casa dos meus irmãos eu preciso pegar táxi, e um táxi cobra uns R\$10, R\$20 reais. Então eu não vou na casa de ninguém e quando tem [atividade] no Renascer que é ali pertinho eu vou. (INÁCIA, 76 anos)

Devido à [dificuldade de] locomoção e eu não tenho dinheiro de pagar táxi pra eu ir pra longe, e como aqui é pertinho eu vou pra lá por causa disso. (DIEGO, 56 anos)

Um dos pontos positivos do CEAR é que ele fica localizado no centro da cidade. A rua é plana e calçada, não tendo necessidade de se subir ladeiras para seu acesso. Por se tratar de uma cidade pequena, a maior parte dos bairros são ligados ao centro, facilitando, assim, a aderência de grande parte do público que ainda frequenta o espaço. Todavia, não foram observadas, nas instalações, estruturas que facilitem a acessibilidade de deficientes, sejam visuais ou físicos.

De acordo com Silva et al (2012, p. 172), espaços públicos de lazer “[...] podem ser significativos para seus frequentadores, devido os benefícios que proporcionam. No entanto, necessitam ser amparados por uma infraestrutura organizada, que possibilite um interesse de utilização pelos frequentadores”.

De modo geral, Marcellino (2006) destaca que o lar vem sendo utilizado como um equipamento de lazer não específico, devido à depreciação dos espaços públicos específicos de lazer, bem como graças à violência.

A violência, a falta de segurança, são apontadas como fatores que impedem a escolha do lazer das pessoas, contribuindo para que fiquem reféns de suas próprias casas, aumentando o já elevadíssimo número de indivíduos que têm, na casa, seu principal 'equipamento' de lazer. (MARCELLINO, 2006, p. 74)

Desta maneira, para os grupos de maior poder aquisitivo, a saída é migrar para espaços de lazer semipúblicos, ao passo que os de menor poder aquisitivo, na impossibilidade de pagarem para ter acesso aos espaços de lazer privados, continuam utilizando os espaços a que têm acesso. Conforme sinalizado por Marcellino (2006, p. 78), “[...] a iniciativa privada, já vem criando novos espaços de lazer no ambiente urbano. Mas num país periférico como o Brasil, a grande maioria da população não possui condições financeiras de desfrutar dos equipamentos de lazer pagos”.

Nesta mesma direção, Andrade, Jayme e Almeida (2009, p.132) compreendem que,

[Os grupos de maior poder aquisitivo] adotaram comportamentos mais vigilantes nos espaços públicos e privilegiaram os semipúblicos. Os grupos de menor poder aquisitivo continuam frequentando os espaços públicos tradicionais, como os do centro da cidade, e os espaços próximos às suas residências, em geral mal cuidados pelo poder público e abandonados até mesmo pela polícia, fato que muitas vezes os transforma em ponto de consumo e tráfico de drogas, especialmente à noite. Durante o dia, continuam a abrigar uma sociabilidade típica dos bairros populares, como o encontro entre vizinhos, sejam jovens, crianças ou adultos.

Assim, os frequentadores que utilizam o CEAR e não podem pagar para utilizarem outros espaços ficam à mercê das possibilidades oferecidas pelo poder público municipal. Embora em nenhum momento a violência tenha sido citada pelos entrevistados como fator que impeça a prática das atividades oferecidas no espaço, a infraestrutura, por sua vez, foi alvo das críticas.

No que tange à infraestrutura, de acordo com os associados, o CEAR deixa a desejar, fazendo com que esse aspecto acabe tornando-se um desmotivador e um dos fatores que fizeram o número de frequentadores diminuir significativamente. Assim, grande parte das pessoas que antes eram atendidas pelo CEAR e que possuíam automóvel e/ou condições financeiras que as possibilitassem buscar outros espaços de lazer passaram a frequentar os que estão localizados nos municípios vizinhos. Dessa maneira, aqueles que não possuíam tais condições permanecerem frequentando os espaços disponíveis e próximos à sua residência.

De modo geral, os frequentadores remanescentes relataram que o piso não é adequado para a prática da dança, o ambiente não é climatizado e o edifício necessita de

pequenas reformas para melhor atender à demanda dos associados. A falta dessas melhorias contribuiu para que muitos idosos deixassem de participar das atividades do CEAR e passassem a buscar grupos de terceira idade sediados em outros municípios. Michele (82 anos) resume bem esse quadro ao nos relatar que

O pessoal daqui começou a ir pra lá [município vizinho] porque tá muito bom, porque lá tem ar condicionado, lá tem tudo. E o nosso Renascer aqui, se der uma chuva a gente se molha todo porque o telhado precisa mudar, o piso precisa mudar, o piso é liso, é um piso de cimento liso e tá todo rachado, todo trincado. Então não tem melhoria nenhuma ali porque ninguém ajuda. A verba não vem pra fazer almoço e nem melhorias pro Renascer. Então o Renascer tá largado às traças. Não está totalmente largado porque o atual presidente vai lá todos os dias.

Em um estudo que buscava investigar os motivos pelos quais alguns idosos deixavam de participar de Grupos de Convivência (GCs), Moura e Souza (2015, p. 1052) constaram que “a maior parte dos egressos alegou questões familiares, seguidas de problemas de saúde”. Além desses motivos, mudanças na organização dos GCs, como o término do baile e mudança do animador cultural, fizeram com que os idosos se retirassem do grupo. Os achados deste estudo, como o término do baile, por exemplo, vão ao encontro da realidade vivenciada no CEAR, podendo nos ajudar a refletir sobre os motivos pelos quais alguns idosos passaram a buscar outros grupos de convivência.

Outro aspecto citado pelos participantes foi o de como o CEAR era antigamente. Assim, ao ser questionada sobre como funcionava o Renascer nos seus primeiros anos, uma participante narrou que

Antigamente era muito animado, o pessoal participava mais, mas não precisava pagar. Quando começaram a cobrar, o pessoal parou de ir. Porque antes era assim, era um aparelho de som que uma pessoa colocava uns CD's e a gente dançava. Aí depois inventaram de colocar 'o tocador' [músico] aí começaram a cobrar pra poder pagar o tocador. Mas antes quando era tudo de graça, quando a gente não pagava nada, era muito animado, mas quando começaram a cobrar o pessoal desanimou. Vou falar uma coisa pra você, se falar que tem que pagar quase ninguém vai, porque se tiver que pagar quase ninguém vem pra não pagar. (NICOLE, 81 anos)

Em consonância com a usuária anterior, Eduarda nos conta que

O CEAR era muito bom, começou com bastante gente e depois foi aumentando. Se eu falar que aquele Renascer era ruim eu tô mentindo. Todo final de mês tinha almoço, tinha forró toda quinta feira com muita gente e também tinha lanche nas terças. Um dia era bolo, no outro era pão, tinha bolo salgado, refrigerante... então era muito bom, muito bom mesmo, não faltavam as coisas e tinha muita gente. Depois foi diminuindo, diminuindo e diminuindo até não ficar quase ninguém, eu tava sentindo que o Renascer tava morrendo. (EDUARDA, 85 anos)

Assim, é possível perceber que os frequentadores mais antigos, que acompanharam as mudanças que aconteceram com o decorrer do tempo, gostam de lembrar e comparar como o local era com o que se tornou. Contudo, ao serem questionados sobre o porquê de o grupo

não se realimentar, o que causou e ainda causa grandes dificuldades, sobretudo no desenvolvimento das atividades, os participantes não souberem responder.

Como dito anteriormente, após o forró das quintas-feiras ter sido suspenso, os frequentadores que ainda frequentavam o CEAR aspiravam que esta atividade retornasse o mais breve possível. Nesse meio tempo, possivelmente alguns idosos tenham buscado outros centros de convivência para satisfazer seus desejos e tenham encontrado nesses espaços uma estrutura que os cativou, atenuando a necessidade de eles voltarem ao Renascer.

Além do anseio por melhorias do espaço físico, os frequentadores do CEAR possuem outros anseios em relação ao espaço, bem como o desejo de que novas atividades sejam desenvolvidas na instituição. Durante as entrevistas, quando questionados sobre quais atividades poderiam ser realizadas no Renascer além das que já são desenvolvidas, os entrevistados nos contaram que

Poderia ter alguma palestra, né? Palestra também seria muito bom... Sobre todas as coisas que falam sobre o idoso, sobre os cuidados que ele tem que ter com a saúde... Por que você sabe, são todos comilões, e às vezes não comem como deveriam. [...] Todos os que vão ao Renascer são aposentados, eles vão com o dinheirinho deles. Eu quero dizer assim, que se você fizer uma comida, como quando a gente fazia, se nós fizéssemos uma comida *light* ou *diet* eles não gostavam, entendeu? Eles gostam de comer bem e às vezes não pode, né (SEBASTIANA, 76 anos).

Palestras. Dava pra fazer uma palestra, convidar as pessoas pra fazer uma palestra. Uma reunião, quando viesse alguém importante aqui na cidade, ia no Renascer fazer uma reunião. Sobre a terceira idade, né, que é gente mais velho que vai ali, então é pra terceira idade. Quer dizer, dar mais informação para as pessoas. Tem o bingo, tem o forró, nós temos também uma personal que ajuda a gente na academia, o espaço ali é bom, tem segunda de manhã, segunda à tarde, terça de manhã, quarta de manhã, quarta à tarde. As pessoas vão fazer exercícios ali, só pessoa da terceira idade. Então isso aí já tem, então se marcasse um dia do mês pra chegar e falar sobre as coisas para as pessoas [orientar], eu acho isso importante. (DIEGO, 56 anos)

Apesar de a academia estar localizada dentro do espaço físico pertencente ao CEAR, não analisamos as relações que acontecem naquele espaço, assumindo, assim, que se trata de uma das limitações deste trabalho (embora isso não fizesse parte do nosso contexto investigativo). Contudo, não temos a pretensão de ocultar a existência da academia nesta pesquisa, pois, em algumas falas, os entrevistados nos apontam que a academia também é um espaço importante na composição do CEAR.

Em suma, alguns frequentadores do Renascer anseiam e carecem de orientações acerca da sua saúde, orientações nutricionais e aqueles que frequentam a academia buscam orientações para a prática de exercícios físicos. Também há aqueles que não anseiam pela

adição de nenhuma outra atividade, mas sim pela manutenção das que já estão estabelecidas, neste caso, o bingo e o forró, como pode ser observado nas falas a seguir.

Pra mim só o forró mesmo já estava bom. Já estava de bom tamanho, porque eu não tenho vontade de procurar mais atividades ou curso pra fazer. E outra é que eu não tenho leitura, né, eu não tenho leitura suficiente pra nada. Num curso tem que saber ler, e outras coisas. Então pra mim o que falta ali é só o forró mesmo. (INÁCIA, 76 anos)

Essas atividades que tem aí, só o bingo e o forró já está de bom tamanho pra nós... Pra mim, né, agora as outras eu não sei... Elas tem outra opinião, né. (MICHELE, 82 anos)

Eu queria que tivesse dia de quinta-feira o baile também, a gente ia dançar direto, né?! Quinta e domingo direto. (EDUARDA, 85 anos)

No Renascer não queria nada não. Só o forrózinho mesmo tava bom, mas o forró [na quinta-feira] começou e acabou porque diziam que era só umas quatro pessoas que dançavam então tá certo, né. Se tivesse só o forró e o bingo tá bom. (NICOLE, 81anos)

Com base nessas falas, é possível depreender que o público que frequenta o CEAR, embora exista uma quantidade limitada de atividades que lhes são oferecidas, possui um forte vínculo e identificação com o forró e o bingo, ao ponto de não desejarem a implementação de outras práticas. Assim, a seguir abordaremos as atividades de maneira individual.

## 5.2 A DINÂMICA DAS PRÁTICAS: SOCIABILIDADES, TENSÕES E CÓDIGOS DE CONDUTA

Após ter narrado o modo como os frequentadores do CEAR organizam-se para realizarem seus encontros e apontado as suas perspectivas acerca das melhorias que ainda precisam ser realizadas no espaço físico do local, neste tópico buscaremos abordar de forma mais aprofundada a dinâmica das relações que acontecem durante as atividades do CEAR com suas particularidades, enfatizando tal dinâmica na perspectiva do usuário.

Apesar de investigarmos as relações de sociabilidade que acontecem no referido espaço, cabe a ressalva de que nem todas as sociações entre os participantes são pacíficas (SIMMEL, 1983). Embora a primeira impressão sobre o espaço tenha sido a de um local calmo e tranquilo, com o passar do tempo essa percepção – um tanto romântica – foi sendo reconstruída gradativamente. Em alguns momentos, aquele espaço, onde parecia haver muita compreensão e paciência, cedeu espaço a um local onde havia conflitos, tensões e disputas.

Durante a realização do bingo, é comum que o silêncio predomine no espaço. Contudo, nem sempre isso acontece. Há ocasiões em que as pessoas, insatisfeitas com algum acontecimento, expressam-se de modo que a dinâmica perca algumas de suas características marcantes.

[...] hoje foi um dia atípico, as pessoas presentes falavam muito enquanto as pessoas responsáveis por gritar o bingo pediam silêncio constantemente. O ponto alto do encontro deu-se no momento em que duas pessoas bateram ao mesmo tempo. Contudo, uma das pessoas estava marcando aproximadamente 10 cartelas e ela conseguiu fechar duas cartelas. A outra, que estava marcando uma quantidade menor, conseguiu fechar uma, e foi aí que o impasse teve início. A pessoa que bateu em uma cartela sugeriu que o prêmio fosse dividido para os dois ganhadores, enquanto a pessoa que bateu em duas cartelas queria 2/3 do prêmio, referentes às duas cartelas 'premiadas'. Houve uma espécie de divisão, onde uma parte dos associados defendia que o prêmio fosse dividido por dois e outra parte que entendia que prêmio deveria ser dividido em três. Durante esse período, houve uma discussão generalizada, onde, no fim, o prêmio foi dividido em duas partes iguais, gerando um descontentamento por parte de alguns associados (Diário de campo, 7 de agosto de 2018).

O que inicialmente parecia ser um local pacífico mostrou que pode mudar rapidamente dependendo da situação, sobretudo se houver dinheiro em jogo, como pode ser observado, a seguir, em outro fato registrado no diário de campo.

[...] Como acontece esporadicamente, algumas pessoas que nunca presenciei aqui no CEAR vieram jogar bingo. Hoje foi a vez de uma senhora que aparenta ter pouco mais que 50 anos de idade comparecer ao espaço. Aparentemente, esta senhora joga bingo em outros espaços, pois sabia exatamente como jogar quina e reclamava constantemente da demora durante as partidas de 'cartela cheia'. Devido a essas reclamações de uma pessoa 'externa' ao grupo, alguns associados sentiram-se incomodados e também começaram a reclamar com a diretoria, que inicialmente não se pronunciou. Algumas rodadas depois a mesma senhora disse que tinha feito uma quina e se levantou para receber o prêmio, os outros associados se manifestaram dizendo que era uma partida de cartela cheia. Ao chegar na mesa, a senhora fez alguma reclamação dizendo palavras desagradáveis à pessoa que gritava o bingo e esta pessoa replicou dizendo num tom mais firme: 'escuta aqui, minha filha, aqui as coisas não funcionam assim...'. Após esse pequeno conflito, a pessoa que reclamava se retirou do local e o bingo foi retomado (Diário de campo, 21 de setembro de 2018).

Outra situação que gerou um aborrecimento por parte dos frequentadores foi quando a diretoria decidiu unilateralmente que, caso o participante não fosse associado ao CEAR, a cada rodada o vencedor do prêmio deveria deixar um valor 'simbólico' de R\$ 5 na caixinha da instituição. Embora os associados estivessem isentos dessa cobrança, era consenso de que isso era um ato desnecessário, já que a cada rodada o valor de R\$ 10 reais era retirado do valor total do prêmio, como dito anteriormente. Os frequentadores discordaram, pois, de acordo com eles, o valor era cobrado duas vezes e, em muitos casos, quando mais de uma pessoa ganhava, o valor recebido era muito baixo, fazendo com que o prêmio final fosse quase zero.

Vale salientar, no entanto, que, embora as relações nem sempre aconteçam de modo tranquilo, os associados se respeitam e não há registros de qualquer tipo de agressão entre eles. Um dos frequentadores compartilha sua visão ao narrar que

É como eu tava falando, é uma terapia pra mim e para outras pessoas, mas às vezes tem outras que vão ali mais pela questão do lucro, só pra ganhar o dinheiro do bingo e se não ganhar causa uma “polemicazinha”, mas é tudo sossegado, se resolve ali mesmo. O problema que eu acho é só isso, às vezes tem algum problema e eles sem conversar com a direção querem chamar a atenção e isso acaba afetando um amigo, um colega. Mas no final das contas fica tudo tranquilo. É que você sabe, o bingo de qualquer forma é um jogo e onde tem jogo as pessoas só vão pra ganhar. Eu não, eu vou lá pra ficar sossegado, participar e contribuir; se eu ganhar tudo bem, mas se eu não ganhar não tem problema. Mas tem pessoas que vão pra ganhar, só querem ganhar... Aí outra pessoa ganha e eles ficam falando ‘ah, você já ganhou duas vezes’ e aquela coisa... Mas é assim mesmo, lugar que aglomera mais de 20, 30 pessoas e até 35 pessoas como eu já contei, sempre tem essa discussão. E é bom ter porque de qualquer maneira vai contornando as coisas, o que tá errado vai acertando e o que está certo vai melhorando mais ainda. (DIEGO, 56 anos).

Nesta fala, cabe ressaltarmos a questão da proximidade e a facilidade de acesso dos associados aos membros da diretoria. Em todas as minhas idas ao campo, havia pelo menos três pessoas da diretoria conduzindo os trabalhos e embora tomem a iniciativa no desenvolvimento das atividades, a diretoria prefere não interferir diretamente. Contudo, em algumas ocasiões específicas existe essa necessidade, como, por exemplo, quando não há cartelas de bingo disponíveis ou quando alguma pessoa é impedida de adentrar o espaço nos dias de forró.

Os membros da diretoria ficam sentados em uma mesa à parte, observando e tratando de questões administrativas relacionadas à organização do espaço (planejamento das datas dos próximos encontros, organização do espaço, prestação de contas, dentre outros). Em dias em que não há tanta demanda, os integrantes da diretoria se juntam aos demais associados e também participam das atividades, inclusive, pagando pelas cartelas de bingo que utilizam. Apesar de ocuparem um cargo de gestão, nada impede que os associados interajam com os membros da diretoria. Pelo contrário, o acesso a essas pessoas é fácil e elas são abertas ao diálogo.

Outro elemento a se destacar na fala desse participante é a menção que ele faz ao grupo identificado anteriormente como os que jogam *pra valer*. A respeito dessa questão, nenhum dos entrevistados relatou que joga com a intenção de ganhar, mas com a intenção de se distrair, divertir ou ajudar a instituição, ou seja, todos os entrevistados são integrantes do grupo dos que jogam por diversão.

Nicole (81 anos), por exemplo, informa-nos que “vou pra passar tempo porque ganhar é difícil e eu não vou muito pra ganhar não... Só passar tempo mesmo”. Outros associados alegam que

Eu jogo por diversão, porque você sabe que pra ganhar é muito difícil, né. E tem dia que eu saio e digo bem assim: ‘vou lá dar dinheiro pra aquelas velhas lá’ [risos]. Eu jogo mais por diversão, pra não deixar desanimar mais do que já tá. Eu não gosto, igual a um dia que eu cheguei lá e tinha pouca gente, num dia de domingo uma mulher chegou e falou assim: ‘não tem ninguém’ e eu respondi: ‘você não pode falar que não tem ninguém, nós não estamos aqui?’ Ela tinha que falar que tinha pouca gente. Então eu faço minha parte pra não desanimar de tudo. Eu não vou lá com aquela ganância, precisando ganhar aquele dinheiro nem nada. *Se eu ganhar eu gosto, fico feliz. Mas se eu não ganhar também, pra mim é a mesma coisa. Eu quero estar lá. Eu gosto de sair e de estar lá no meio dos outros, pra gente se distrair um pouco* [grifo nosso]. (INÁCIA, 76 anos)

Eu jogo mais por diversão, porque como eu falei, é uma terapia. Então eu vou pra participar ali porque eu indo, eu estou ajudando a entidade. Eu não vou com a intenção de ganhar, mas se eu ganhar também é bom, mas eu indo participar eu levo, R\$10, R\$20, R\$15. Eu pago a mensalidade de R\$5, uma coisa mínima e tem gente ali que não paga (DIEGO, 56 anos)

Bom, eu gosto... De ganhar todo mundo gosta mais, né?! Eu não vou dizer que eu não gosto de ganhar, mas eu quero dizer a você que tanto faz [...] tanto faz se eu ganhar ou não. Eu falo com meu marido ‘vou perder um pouco de dinheiro’ e ele fala brincando comigo assim: ‘É melhor você ter seus colegas bem e perder o dinheiro do que não ir. Vai!’ E eu não ligo não, tanto faz eu ganhar como perder, só que todo mundo que falar que não gosta de ganhar tá errado, não tá? Porque se você vai jogar, você vai com vontade de ganhar. Mas mesmo se você não ganhar, você vai ficar brigando? Vai ficar de mal? Não pode (EDUARDA, 86 anos).

Mas apesar desses pequenos conflitos entre as pessoas que jogam por diversão e as pessoas que jogam *pra valer*, ao final dos encontros muitas pessoas optavam por sentar com seus amigos enquanto comiam o lanche, ao passo que outras preferiam deixar o local para realizar suas tarefas ou mesmo se dirigir às suas residências. A maioria das pessoas que deixavam o local sem tomar café eram aquelas que procuram o espaço somente com a intenção de jogar, enquanto os que escolhiam ficar para socializar-se com seus amigos eram aqueles que, para além do jogo, buscam o local para manter o convívio, ver seus amigos e interagir com seus pares. Dessa maneira e conforme sinalizado por Simmel (2006), apesar dos sujeitos se reunirem, em princípio, para satisfazer seus interesses pessoais, as sociedades também são acompanhadas por um sentimento de estar com o outro, uma vez que

Quando os homens se encontram em reuniões econômicas ou irmandades de sangue, em comunidades de culto ou bandos de assaltantes, isso é sempre o resultado das necessidades e de interesses específicos. Só que, para além desses conteúdos específicos, todas essas formas de socição são acompanhadas por um sentimento e por uma satisfação de estar justamente socializado, pelo valor da formação da sociedade enquanto tal. Esse impulso leva a essa forma de existência e que por vezes invoca os conteúdos reais que carregam consigo a socição em particular. Assim

como aquilo que se pode chamar de impulso artístico retira as formas da totalidade de coisas que lhe aparecem, configurando-as em uma imagem específica e correspondente a esse impulso, o ‘impulso de sociabilidade’, em sua pura efetividade, se desvincilha das realidades da vida social e do mero processo de sociação como valor e como felicidade, e constitui assim o que chamamos de ‘sociabilidade’ [Geselligkeif] em sentido rigoroso (p. 64).

Assim, podemos compreender o momento do lanche/café como um espaço para que os frequentadores do CEAR, após alcançarem e satisfazerem suas necessidades específicas, utilizem o tempo restante para se manter em sociação, ou seja, reforçando a necessidade de permanecer em contato com o outro simplesmente por sentirem prazer ao estar ali.

Enquanto lanchavam, alguns entrevistados descreveram conversar sobre questões pessoais que não têm relação com o espaço e outros sinalizaram conversar sobre questões que atravessam o funcionamento do Renascer, como se pode observar nos fragmentos a seguir.

Eu fico conversando, mas é pouco. Eu fico tomando um café, um chá pra ficar conversando mais um pouco. A gente fala como [o CEAR] era alegre, era cheio... A gente fica falando mais sobre isso, as coisas do dia a dia, como tá indo, e as pessoas que a gente vê que ficam exigindo e não contribuem... É mais sobre esses assuntos que a gente conversa (DIEGO, 56 anos).

Ah, a gente conversa sobre os forrós, sobre o que a gente dança, sobre quando vamos em algum lugar. Às vezes você fala que vai em algum lugar e pergunta às amigas se elas vão. Às vezes uma amiga diz que não, mas a outra amiga pergunta por que ela não vai e chama de novo pra ir, pra fazer companhia, então a que não ia resolve ir (MICHELE, 82 anos).

Eu converso com elas, eu chamo elas pra vim passear aqui em casa, pra ver as minhas plantas, conversamos sobre uma porção de coisas (EDUARDA, 85 anos).

Com isso, ao convidarem seus pares para outros espaços além do CEAR, ou até mesmo para sua própria casa, denota-se que as associadas criam novos laços e estreitam os elos de amizades já existentes, reforçando o papel fundamental que o Renascer tem na vida de seus frequentadores, evidenciando mais uma vez o entendimento do local como um “pedaço”, em que as redes de relações entre os frequentadores são (re)construídas a cada encontro e que, no entendimento de Magnani (2003, p. 7), “é aí que se tece a trama do cotidiano: a vida do dia-a-dia, a prática da devoção, o desfrute do lazer, a troca de informações e pequenos serviços, os inevitáveis conflitos, a participação em atividades vicinais”.

Por outro lado, alguns entrevistados relataram não permanecerem no local quando as atividades se encerram. O principal motivo era o fato de que já se mantiveram sentados por um longo período ou que tinham outros compromissos, assim como narrado por Nicole (81 anos): “quando acaba o bingo todo mundo vai embora. Tem um ou outro que pega o café e fica lá sentado, conversando enquanto esperando um táxi ou algum carro. Mas eu não fico não, eu venho embora, porque deu a hora...”. Além dela, outra associada acrescenta:

Olha, acabou ali eu venho embora. Tem vez que eu pego o lanche e tem vez que nem o lanche eu pego. [...] Acabou ali, acabou o assunto, né... A gente tá doida pra vim pra casa, aí aproveita e vem... No forró também eu costume ir e ficar lá... Quando dá umas 17h, por aí, eu me despeço lá e venho embora. Não gosto de ficar até acabar tudo não. (INÁCIA, 76 anos).

De qualquer modo, o fato é que alguns optam por aproveitar um pouco mais o contato com seus pares, ao passo que outros escolhem voltar para seus afazeres domésticos. Paradoxalmente, no entanto, os que relataram voltar para suas casas imediatamente são aqueles que residem sozinhos e que apontaram o CEAR como um espaço de interação e/ou onde é possível encontrar-se com seus amigos.

A prática do forró acontece às quintas-feiras e, uma vez por mês, aos domingos, contando com um número maior de pessoas nestes encontros que naqueles. Contudo, como dito no capítulo anterior, a atividade realizada na quinta-feira foi suspensa devido ao baixo número de participantes e isso fez com que a quantidade de registros fosse menor que a do bingo.

Durante as entrevistas, abordei a questão de como as pessoas se relacionam naquele espaço durante o forró e uma das falas chamou-se a atenção por evidenciar o CEAR como um espaço onde há tensões e disputa entre os participantes, o que é melhor retratado no fragmento a seguir. Em sua alocução, Inácia (76 anos) narra seu ponto de vista fornecendo-nos alguns elementos interessantes.

Olha, aquilo ali tem muito implicância. Muita. Muita implicância, muita inveja, [...] você pode notar que igual eu sempre brinco aqui, no dia que eu chamei você pra dançar lá, que você saiu dançando comigo, você mesmo sabe que eu não dancei mais com você porque as mulheres não deixaram. Elas ‘montaram’ em cima de você. Não foi mesmo? Você mesmo é testemunha que é verdade. Eu tenho um namorado e toda vez que a gente ia ao Renascer todas as mulheres queriam dançar com ele. Eu quase não dançava com ele, porque elas queriam ‘avançar em cima’ e tomar porque achando assim ‘se a ‘véia’ arrumou eu também posso arrumar’, então aquilo ali tem muita inveja e muita implicância. Então, o Renascer está fracassando por causa de ignorância de muita gente... Porque eu acho que aquilo ali é uma sociedade que era pra gente se divertir, não era pra ninguém ‘caçar’ casamento lá dentro nem nada, era pra se divertir e dançar. Vamos supor, tem um casal, marido e mulher, a mulher [deveria] dançar com outro homem e a gente dançar com o marido dela. Eu acho que tinha que ser assim, você não acha? Mas não. Chega um casal ali, e é só aquele casal, só aquele casal, só aquele casal, não deixa dançar com ninguém, a mulher não dança com ninguém nem o homem dança com ninguém e fica aquele casal ali. Quando eles enjoam de dançar eles vão embora. Então, aquilo ali tem muita coisa errada. Se você for botar na ponta do lápis mesmo, tem muita coisa que está fora do limite. Porque pra mim aquilo ali deveria ser uma coisa para a diversão dos velhos.

É importante destacar que as sociabilidades pressupõem o conflito, visto que, para Simmel (1983), viver em sociedade é justamente “estar com o outro”, interagindo por meio do conflito, cooperação ou competição. O autor trata os conflitos e tensões como algo natural e

inerente aos processos de sociabilidade, assim como a resolução dessas disputas, que ocorrem por meio das interações que dão vida às sociações.

Além da participação pela afinidade com a dança e pelo convívio com as pessoas ali presentes, a referida fala levou-me a refletir sobre um elemento que não foi abordado nas entrevistas, mas que pode ser um dos motivos que levam essas pessoas a participar do forró: a busca por um(a) parceiro(a).

O grande fator motivador dos idosos para irem ao baile é o combate à solidão. Muitos deles, por causa da viuvez ou da separação/divórcio, sentiram-se necessitados de novas experiências de relacionamentos, que perceberam poder encontrar (e de fato encontram) nos salões de baile da cidade. Os bailes têm, portanto, uma função social de estabelecer vínculos e possibilidades para os idosos deixarem sua condição solitária, pois formam uma rede de contato importantíssima para evitar o isolamento social (ZAGO; SILVA, p.71, 2003).

Apesar das entrevistas não abordarem a questão dos relacionamentos amorosos durante os bailes, baseando-se nas falas dos participantes e nas observações registradas no diário de campo, é possível inferir que a busca por um(a) parceiro(a) faz com que muitos dos idosos dirijam-se para o CEAR sempre que alguma atividade é realizada, sobretudo o forró.

Enquanto estão presentes no Renascer participando das atividades, seja do bingo ou do forró, os frequentadores seguem alguns códigos de conduta (regras de convivência). Alguns destes preceitos estão explícitos, a exemplo do que acontece no quadro de avisos, enquanto outros estão implícitos, levando-nos a fazer o exercício de tentar elucidá-los.

Em relação aos códigos, Magnani já nos sinalizava que a rede de sociabilidades que os sujeitos construíam entre si “instaurava um código capaz de separar, ordenar, classificar: era, em última análise, por referência a esse código que se podia dizer quem era e quem não era ‘do pedaço’, e em que grau: ‘colega’, ‘chegado’, ‘xará’, etc.” (MAGNANI, 2003, p. 7).

Embora compreendamos que o CEAR é uma instituição que desenvolve atividades de lazer, dentro da instituição há uma subdivisão: os participantes do bingo e os participantes do forró. Apesar de algumas pessoas frequentarem ambas as atividades, o público que participa do forró não é o mesmo que frequenta o bingo. Conforme apontado por uma associada, “aqueles que estão ali só se relacionam porque são amigas e por causa do bingo, mas tem gente do bingo que não gosta de dança... Quem gosta de dança é outro grupo diferente das pessoas do bingo” (SEBASTIANA, 76). Isso pode ser constatado nas falas dos entrevistados, pois, quando questionados sobre quais atividades eles tinham preferência, a maioria dos associados optou por eleger a sua atividade preferida.

Rapaz, eu gosto dos dois. Apesar de eu não participar diretamente do forró, mas eu vou pra tomar um refrigerante e fico lá sentado, olhando, observando. E você observando você vê quem tá bêbado, quem tá dançando melhor, qual a 'véia' que é mais fogosa e aquelas coisas. Pra mim então é os dois. E tem a academia também, às vezes dia de domingo eu vou e fico lá, depois vou para a academia e fico fazendo algum exercício. (DIEGO, 56 anos)

Eu gosto dos dois, mas eu gosto mais é do forró [risos]. O forró é mais divertido, né, eu sei que o bingo é bom pra saúde. Igual eu faço caça palavras, foi uma receita médica, mas é a mesma coisa de deu sair daqui, passar a mão na minha bolsinha, minhas 'rodinhas' de marcar o bingo e ir lá marcar bingo. Mas quando abrir o bingo eu vou começar a ir de novo, e a maioria das mulheres que vão no bingo, elas não dançam. Elas vão no bingo, adoram o bingo mas dançar elas não dançam e tem o bingo por causa disso. E lá eles fazem café... De primeiro tinha merenda e tinha tudo... Eu trabalhava lá fazendo almoço, no fim do mês eles me chamavam pra ajudar a fazer o almoço. Dava muita gente, mas hoje, coitado do Renascer, quando vejo do jeito que tá eu fico até pensando... 'Como pode'? Embora que faleceu muita gente, mas com tudo isso ainda tem bastante gente aqui da terceira idade aqui em João Neiva. (MICHELE, 82 anos)

Eu gosto do forró. Mesmo que no dia eu não dance, eu quero estar lá, no meio do povo, conversando com as colegas, porque todo mundo ali já é conhecido, igual eu 'tô' falando com você, aquelas antigas ali já são todas conhecidas, a gente conversa, dança mulher com mulher. Então pra mim, aquilo ali é pra se divertir, não é pra ninguém ganhar dinheiro e nem ficar rico ali não. (INÁCIA, 76 anos)

Eu gosto mais do bingo. Sei lá, eu cansei de dançar, enjoiei. Minhas pernas ficaram cansadas. Eu sei dançar e tudo, desde criança, mas agora eu não gosto mais de forró não, gosto mais do bingo. Sempre gostei, todas as festas que tinham bingo eu ia só pra marcar o bingo. Nunca ganhei nada. Pra não dizer que nunca ganhei nada, ganhei um bezerro junto com outra pessoa. Vendi minha parte, coloquei na poupança e está lá até hoje crescendo. (NICOLE, 81 anos)

Bom, eu gosto mais é de dançar mesmo. [...] Mas um dia eu fui na terceira idade eu falei: 'tô' com uma dor nas pernas... Não dá vontade nem vontade de dançar, mas eu fui assim mesmo. Quando eu voltei pra casa estava ótima, porque o sangue circula, né?! (EDUARDA, 85 anos)

Todavia, apesar destas atividades serem importantes para os associados do CEAR, dentro dessas práticas há algumas regras/códigos, principalmente no forró, que os associados devem seguir para o bom desenvolvimento das atividades. Em um estudo que buscou investigar os bailes para idosos na cidade de São Paulo, constatou-se que os bailes se caracterizam como sendo muito importantes para os idosos, pois proporciona a este público oportunidades preciosas de sociabilidades.

Os bailes cumprem, portanto, uma função social muito importante, à medida que propiciam formas de vencer a solidão e a depressão, contribuindo para que os idosos tenham uma velhice mais saudável (alguns dos entrevistados chegaram a citar que vão ao baile por recomendação médica). A dança é, mais que um instrumento de diversão, um eficaz instrumento de aproximação, que pode criar novos amigos ou até novos relacionamentos. Além disso, o ato de dançar com alguém estimula a sexualidade e provoca sensação de liberdade e bem estar. É por assim dizer, um exercício completo (ZAGO; SILVA, p. 67-68, 2003).

Ainda de acordo com os autores supracitados, em um dos grupos pesquisados,

É na dança que ocorrem os primeiros contatos corporais e as intenções nascentes de que 'algo mais' acontecerá posteriormente. Enquanto os casais dançam, observamos muitos deles demonstrando carícias e afetos sem maiores problemas. Em geral, eles

não se beijam na boca, mas a troca de carícias é constante. Poucos deles têm atitudes mais ousadas enquanto dançam, já que existe um limite, estabelecido pela mulher, de até quanto e até onde o homem pode dar continuidade à sua carícia (p.60).

Deste modo, buscamos entender quais os ‘limites’ dentro de cada atividade desenvolvida no CEAR, ou seja, o que pode ou não ser feito, tanto no bingo quanto no forró.

Devemos considerar que, como apontado anteriormente por uma participante da pesquisa, nem todas as pessoas que frequentam o bingo são as mesmas que frequentam o forró. Assim, a começar pelo bingo, os entrevistados informaram que não veem atos que possam ser considerados como transgressões. Contudo, apontaram que entendem como uma prática prejudicial dentro dessa atividade o fato de algumas pessoas insistirem em esconder as cartelas, como pode ser observado na fala de Inácia, 76 anos, que conclui não ver “nada demais. Eu acho que assim, aquele negócio de esconder cartelas é uma coisa errada. Mas acho que não tem nada além disso não”.

Nesta mesma direção, outra usuária aponta que

No bingo não tem nada não. Todo mundo chega ali, pega suas cadeiras e senta junto com seus colegas e todo mundo ali se diverte e se distrai no bingo. Então ali não acontece nada de errado. Só aquelas pessoas que pegam as cartelas e levam embora, isso aí não pode não (MICHELE, 82 anos).

Assim, é possível inferir que o bingo é uma atividade que demanda menor atenção/mobilização da diretoria quando comparada ao forró. Uma das possíveis justificativas é que o público que frequenta o bingo seja composto por pessoas com idade mais avançada, como, por exemplo, uma idosa de 102 anos de idade que estava presente em todos os dias de bingo, mas ausente nos dias do forró.

Em contrapartida, no forró, além da dança, alguns participantes sinalizaram que muitas das pessoas que ali frequentam têm como uma espécie de segunda intenção a procura por um(a) parceiro(a), corroborando com os achados de Silva e Zago (2003).

Eu considero aquilo ali como uma diversão... Eu não considero como um lugar de arrumar namorado ou essas coisas. A gente vai ali pra se divertir, mas tem gente que não concorda. Tem muita gente que vai ali mesmo é pra arrumar alguém, principalmente esses ‘véios’ que ficam ali, eles só procuram essas mulheres mais ‘assanhadas’ pra ir atrás. As pessoas têm que entender o Renascer como uma diversão, aquilo ali não era pra ter ciúme, né? Eu vou lá e tem umas mulheres que vão com os maridos e não aceitam que ninguém dance com os maridos delas. Só tem uma mulher que vai ali com o marido e dança com todo mundo, mas o resto chega e só fica dançando o casal o tempo inteiro, porque acham que se outra pessoa dançar com eles vai ter coisa errada. (EDUARDA, 85 anos)

Contudo, de acordo com outros entrevistados, as pessoas se respeitam. “Acho que tem respeito. Eu sempre vi isso... Nunca vi nada de errado não. E tem fiscais também no forró, se tiver alguém aprontando lá eles chamam atenção e mandam você embora. Se tiver

mal vestido também, eles olham” (NICOLE, 81 anos). Conforme sinalizado por uma entrevistada, os fiscais têm o papel de vigiar o salão nos dias de forró para evitar ou inibir condutas que não condizem com os princípios de respeito presentes no CEAR. Assim, os fiscais

[...] fiscalizam as coisas, olham como as coisas estão andando, o comportamento no salão nos dias de festa. Mas quase não fazem nada porque [os associados] sempre chamam o presidente. Às vezes eu resolvo as coisas sem precisar chamar o presidente, porque às vezes alguém quer chamar ele na portaria pois foi impedido de entrar por estar de chinelo, porque não pode entrar de chinelo, mas não é por causa do chinelo em si, mas sim porque se alguém pisar pode causar uma queda no meio do salão... E as roupas curtas, né? (SEBASTIANA, 76 anos).

No que tange aos princípios de respeito presentes no CEAR, uma das entrevistadas relatou que alguns fiscais não realizam os papéis designados a eles, gerando algumas cenas que, segundo ela, são desrespeitosas dentro do salão.

O fiscal é pra completar... Só que o fiscal não resolve nada. Ele não faz nada, só faz dançar mesmo e se divertir com a gente, não vejo nada de fiscalização. Se fizer coisa errada o fiscal tem que corrigir, vigiar se o pessoal tá se agarrando, se a pessoa chegar com roupa escandalosa eles têm que proibir entrar, porque ali é proibido entrar de chinelo e entrar de bermuda. Mas eles proíbem os homens entrar de bermuda e deixam as mulheres entrar com roupa indecente, roupa curta demais ou muita decotada. Era pros fiscais olharem isso, mas eles não olham nada... Porque eu já vi cena lá dentro e eu que não sou fiscal chamei a atenção. Mas não é gente da terceira idade, é gente mais nova que vem de fora e os fiscais servem pra isso, pra corrigir essas partes, mas tem uns que fingem não ver. Se o fiscal ver alguma coisa a obrigação dele é falar, porque é proibido se beijar lá dentro. Até mesmo um casal de namorado é proibido de estar lá dentro dançando e beijando. É proibido beijar, dançar beijando igual muitos casais que dançam assim e é pra isso que o fiscal serve. Se você for dançar ali tem que dançar com respeito (INÁCIA, 76 anos).

Cabe dizer que nos dias de bingo não há presença de nenhum fiscal no local, fazendo com que essa figura que ‘vigia o salão’ esteja diretamente ligada à prática do forró. Ainda sobre a questão das proibições, quando questionada sobre as roupas curtas, Layde (76 anos) se limitou a dizer que há este tipo de proibição “[...] porque lá é um local pra idosos, né, mas agora já abriram mão pra qualquer idade e os mais novos não vão com uma roupa mais longa, e tem o calor também”.

Antigamente no Renascer não entrava de bermuda, não entrava de chinelo, mulher não entrava com vestido decotado, de alcinha, tinha que entrar com roupas fechadas, roupas decentes. O fiscal serve pra isso, é pra corrigir. Se tiver alguma coisa errada, uma pessoa fumando ou uma pessoa fazendo coisa que não pode... Algumas pessoas fazem coisas nos forrós que acontecem [em outros espaços] à noite e acham que podem fazer as mesmas coisas no forró que acontece de dia e o fiscal tem que corrigir e proibir. Às vezes um homem vai dançar com uma mulher e fica agarrando e beijando ela no meio do salão e isso não pode. No nosso forró não pode, mas hoje em dia as pessoas estão fazendo isso tudo e não estão corrigindo, mas quando tem um forró e tem muita gente acontece. Não pode agarrar, beijar, fumar... Mas agora o pessoal não está fumando mais não, eles veem a plaquinha e não fumam, mas o fiscal tem que ver isso (MICHELE, 82 anos).

No Renascer antigamente era severo mesmo, se chegasse um homem de calção ou de bermuda na portaria não entrava. Se chegasse de chinelo eles mandavam voltar em casa e colocar um sapado porque não deixavam entrar. Mas hoje em dia não, agora eles afrouxaram. Pode entrar de chinelo, pode entrar de bermuda... A mulher pode entrar de shortinho... (EDUARDA, 76 anos).

Durante as entrevistas, foi possível perceber que a presença de pessoas mais jovens e das que utilizam roupas que são consideradas inadequadas pelos frequentadores mais antigos causa certo incômodo. Para as entrevistadas, sobretudo do sexo feminino, os homens só gostam de dançar com as mais jovens, principalmente se estas estiverem usando roupas mais ousadas. Entretanto, apesar de estes códigos/regras serem seguidos desde os primeiros encontros do Renascer, nenhum usuário soube quem sugeriu e criou esses regulamentos.

Outra forma de criar e estabelecer as regras são as placas de informes que existem no local. As condutas a serem seguidas estão presentes no quadro do CEAR; não poder fumar, não poder utilizar chinelo e não poder usar roupa curta, por exemplo, constituem também uma tentativa de ordenar e estabelecer restrições às pessoas que frequentam o local. Assim, além dos códigos implícitos, o quadro de avisos, por exemplo, é uma tentativa de deixar explícito o que se pode e o que não se pode fazer no espaço, sendo passível de sofrer punição aqueles que desrespeitarem ou não seguirem as regras estabelecidas.

Conforme tentamos demonstrar nessa categoria, vimos que no CEAR, apesar de ser um espaço destinado a pessoas idosas, as relações de sociabilidade fazem com que o local se mantenha vivo. Contudo, essas relações, essas de trocas de experiências, também pressupõem conflitos, que, na maior parte dos casos, são resolvidos rapidamente, dando continuidade à dinâmica.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como finalidade discutir as relações de sociabilidade que aconteciam em espaço que se destina a desenvolver atividades de lazer para idosos, o CEAR. Durante a realização do trabalho, desde a minha inserção no campo até a produção de dados, foi possível entender o Renascer como um local extremamente rico, tanto no que tange às redes de sociabilidade que são construídas a cada encontro como no que se refere à importância daquele espaço para as pessoas que ainda o têm como único local para se divertir e encontrar seus amigos.

Todavia, a instituição atravessa um momento delicado. Além das dificuldades financeiras, consideradas pelos entrevistados o principal motivo pelo declínio da entidade, a meu ver (após frequentar ativamente o local por um período de mais de um ano) um dos principais motivos por esse momento é a falta da participação dos idosos da cidade.

Apesar de o município onde é sediado o CEAR acompanhar o fenômeno do envelhecimento vivenciado pelo país, durante as observações pude observar um número reduzido de pessoas que compareciam ao local. Além disso, não havia uma grande rotatividade de frequentadores, o que, para a pesquisa, pode ser considerado algo bom, uma vez que pude interagir e entrevistar um público fiel ao Renascer, que acompanhou a trajetória da instituição desde o princípio até os dias atuais. Em contrapartida, essa pequena rotatividade pode ser considerada ruim para o CEAR enquanto instituição, pois, além de manter um público fiel, é interessante que novas pessoas passem a frequentar o local, bem como que as atividades desenvolvidas possam alcançar o maior número de pessoas possíveis, para que o Renascer tenha a capacidade de se manter com recursos próprios e não dependa exclusivamente do poder público, que, de acordo com os entrevistados, não esteve muito presente nos últimos anos.

As tentativas de justificar a evasão do público idoso do Renascer são as mais diversas, indo desde o falecimento dos frequentadores mais antigos à não aderência de novos membros devido às atuais condições de infraestrutura do local. Contudo, ao conviver com o público do CEAR e interagir, sobretudo, com os responsáveis pela organização das dinâmicas desenvolvidas no espaço, pude perceber que há uma deficiência no que se refere à divulgação dos eventos/atividades realizados(as) no local, fazendo com que o papel de divulgação e busca por novos membros fique a cargo dos próprios frequentadores.

Outro aspecto importante a ser destacado é que, embora a quantidade de associados já seja considerada baixa em relação ao número de idosos que residem no município, existe ainda uma espécie de subdivisão entre o público que frequenta o bingo e o forró, o que contribui para que a quantidade de frequentadores do CEAR fique ainda menor durante os encontros. Entretanto, cabe ressaltar que foram tomadas algumas medidas com a finalidade de amenizar esse quadro, como, por exemplo, a diminuição da idade mínima para se associar e/ou participar das atividades. Vale ressaltar, no entanto, que ainda assim não se gerou o efeito esperado.

Contudo, apesar das dificuldades acima citadas, o CEAR vem desenvolvendo suas práticas e as trocas de experiências que acontecem durante as dinâmicas das atividades contribuíram de maneira imensurável para o desenvolvimento de nosso trabalho. Em um primeiro momento, sob um olhar superficial, tinha a visão de que estava em um local onde não havia discordâncias nem conflitos e no qual tudo corria pacificamente. Todavia, essa percepção foi reconstruída à medida em que eu participava dos encontros. O local, que antes era harmonioso e pacífico, deu espaço a um lugar em que havia disputas entre grupos, tensões e pequenos conflitos, que na maior parte dos casos eram resolvidos entre os próprios participantes.

Além disso, no CEAR há alguns códigos explícitos (quadro de avisos, placas de proibições, exigências de vestimentas, etc.) e os códigos implícitos concernentes, principalmente, a como se portar, os quais também são seguidos pelos participantes do Renascer. Apesar de terem sido questionados durante as entrevistas, ninguém soube responder ‘por quem’ e ‘quando’ tais códigos foram criados. Os entrevistados esclareciam que já era daquela forma quando entraram e a eles bastou o papel de dar continuidade às regras já estabelecidas.

Em função das limitações do presente trabalho, não tivemos a pretensão de esgotar os pontos da discussão sobre a temática. Pelo contrário, o que queremos aqui é justamente estimular e enriquecer os debates, fornecendo subsídios e argumentos para futuras pesquisas.

## 7. REFERÊNCIAS

ABADE, Natascha Stephanie Nunes; GOMES, Christianne Luce. Lazer, saúde e intervenção com pessoas idosas: percepções sobre essas temáticas no contexto da educação física. **Pensar a Prática, Goiânia**, v. 19, n. 4, out./dez. 2016.

ANDRADE, Luciana Teixeira de; JAYME, Juliana Gonzaga; ALMEIDA, Rachel de Castro. Espaços públicos: novas sociabilidades, novos controles. **Cadernos Metrópole**, n  21 p. 131-153, 2009.

BARBOSA, Felipe Soligo; CAMPAGNA, Josset. A anima o sociocultural e o segmento idoso: Reflexões e sugestões. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org). **Lazer e Recrea o**: Repertório de atividades por fases da vida. 3  ed. Campinas, SP: Papirus, 2013.

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordinio; MERCADANTE, Elizabeth Frohlich. **Envelhecimento ou Longevidade?** (Cole o Questões Fundamentais do Ser Humano, 8). São Paulo: Paulus, 2009.

BRASIL. **Constitui o (1988)**. Constitui o da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BULSING, F., OLIVEIRA, K., ROSA, L., FONSECA, L.; AREOSA, S. A influência dos grupos de convivência sobre a auto-estima das mulheres idosas do município de Santa Cruz do Sul-RS. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, 4(1), 11-17, 2007.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. **Estatuto do Idoso**. 1. ed., 2.  reimpr. Brasília: Ministério da Saúde, 2003.

\_\_\_\_\_. IBGE. **Perfil dos idosos responsáveis pelos domicílios no Brasil**. 2002. Disponível em:< <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv929.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2018.

\_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate   Fome **Política Nacional do Idoso**. Brasília. 2010.

\_\_\_\_\_. **Política Nacional de Assistência Social – PNAS/2004; Norma Operacional Básica – NOB/Suas**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Social e Combate   Fome – Secretaria Nacional de Assistência Social, 2005.

CÂMARA, Renato Phaelante da. **Forró**: Identidade Nordestina. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br/geral/folclore/forroidentidade.pdf>> . Acesso em: 30/04/2018.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Fapesp, 1999. 272p.

DEGÁSPARI, J.; SCHWARTZ, G. O idoso e a ressignificação emocional do lazer. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, **21**(1), 69-76, 2005.

**ESTATUTO DO CENTRO ASSOCIATIVO RENACER - CEAR**, 2017.

FENALTI, R.; SCHWARTZ, G. Universidade aberta à terceira idade e a perspectiva de ressignificação do lazer. **Revista Paulista de Educação Física**, **17**(2), 131-141, 2003.

GOMES, C.; PINTO, G. O lazer na velhice: Reflexão sobre as experiências de um grupo de idosos. **Kairós**, **9**(2), 113-133, 2006.

GOMES, C.; PINTO, G. Pesquisando o lazer de um grupo de idosos no Brasil. **LÉCTURAS: Revista Digital (Buenos Aires)**, **11**(106), 2007

GONÇALVES, Natália de Souza; PEÇANHA, Bruna Eliza Previatello; RAIMUNDO, Sidnei. A cartografia e sua aplicação nos estudos de lazer: algumas possibilidades do lazer do brasileiro. In: STOPPA, Edmur Antônio. ISAYAMA, Hélder Ferreira, (Org.). **Lazer no Brasil: representações e concretizações das vivências cotidianas**. Campinas, SP: Autores Associados, 2017.

GONZÁLEZ, Fernando Jaime. Sociabilidades e práticas corporais: leitura de uma relação. In: STIGGER, Marco Paulo; GONZÁLEZ, Fernando Jaime; SILVEIRA, Raquel da. (Orgs.) **O Esporte na Cidade**: Estudos Etnográficos sobre Sociabilidade Esportivas em Espaços Urbanos. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007. p. 13-30.

GROPPO, Luis Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

ISAYAMA, Hélder Ferreira; GOMES, Christianne Luce. O lazer e as fases da vida. In: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lazer e sociedade**: múltiplas relações. Campinas: Alínea, 2008.

IWANOWICZ, J. Bárbara. O lazer do idoso e o desenvolvimento prossocial. In: BRUHNS, Heloísa T. (Org.). **Temas sobre lazer**. São Paulo: Autores Associados, 2000.

JOÃO NEIVA. Secretaria Municipal de Educação e Desportos. **Guia de Estudo**. João Neiva, 2016.

KUNZLER, Rosilaine Brasil; BULLA, Leonia Capaverde. Idosos brasileiros: contexto dos direitos sociais e das políticas sociais. **Argumentum (Vitória)**, Vitória, v. 6, n. 1, p. 153-159, 2014. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufes.br/argumentum/article/view/7477>>. Acesso em: 16 ago. 2018.

LEITE, Maria Angela Faggin Pereira. Um sistema de espaços livres para São Paulo. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 25, n. 71, p.159-174, 2011.

LORDA, Carlos Raúl; SANCHEZ, Carmem Delia. **Recreação na Terceira Idade**. Rio de Janeiro: 4ª edição, Sprint, 2004.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Lazer dos trabalhadores. **Revista São Paulo em Perspectiva**, v. 2(3), p. 37-39, jul./set. 1988. Disponível em: [http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v02n03/v02n03\\_07.pdf](http://produtos.seade.gov.br/produtos/spp/v02n03/v02n03_07.pdf). Acesso em: 13 de dezembro de 2018

\_\_\_\_\_. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Brasiliense, 2006. 166p.

\_\_\_\_\_. Da periferia ao centro: pedaços & trajetos. **Revista de Antropologia**, v. 35, p. 191-203, 1992. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/download/111360/109552>. Acesso em: 15 de dezembro de 2018.

\_\_\_\_\_. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 17, n. 49, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>. Acesso em: 02 de abril de 2019.

\_\_\_\_\_. **O Circuito: proposta de delimitação da categoria**. Núcleo de Antropologia Urbana da USP, v.15, 2014. Disponível em: <https://pontourbe.revues.org/2041>. Acesso em: 02 de abril de 2019.

\_\_\_\_\_. **Quando o campo é a cidade: O lazer e a lógica do pedaço**. In: MAGNANI, José

G. C.; TORRES, Lilian de L. (Org.). Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana. EDUSP, São Paulo, 1996.

\_\_\_\_\_. Rua, símbolo e suporte da experiência urbana. **Os Urbanitas: Revista Digital de Antropologia Urbana**. São Paulo, v. 1, n. 0, out. 2003. Disponível em: <[http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/rua\\_simbolo%20e%20suporte%20da%20experiencia%20-%20magnani.pdf](http://nau.fflch.usp.br/sites/nau.fflch.usp.br/files/upload/paginas/rua_simbolo%20e%20suporte%20da%20experiencia%20-%20magnani.pdf)>. Acesso em: 07/07/2018

MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães. A abordagem etnográfica na investigação científica. In: MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães, e CASTRO, Paula Almeida de, (Orgs.). **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2011. p. 49-83.

MARCELLINO, Nelson Carvalho. O lazer e os espaços na cidade. In: ISAYAMA, Hélder Ferreira; LINHALES, Meily Assbú (Org.). **Sobre lazer e política: maneiras de ver, maneiras de fazer**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. 165 p.

MELLO, João Gabriel; VOTRE, Sebastião Josué. Fatores que interferem na participação de homens idosos em programas de esporte e lazer. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 16, n. 4, p. 956-1270, out./dez. 2013.

MELO, Victor Andrade de; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond. **Introdução ao lazer**. Barueri, SP: Manole, 2003.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos**. 3ª ed. São Paulo: Atlas, 2015.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.); DESLANDES, S. F; GOMES, R. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 28ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOURA, Aline Oliveira Dias; SOUZA, Luciana Karine de. Grupos de convivência para idosos: participantes, egressos e desinteressados. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro. v. 15 n. 3, p. 1045-1060, 2015.

NERI, A. L.; FREIRE, S. A. (Orgs.). **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papirus, 2000.

OLIVEIRA, Braulio Nogueira de, FEITOSA, Wellington Gomes, FERREIRA, Heraldo Simões. Análise da percepção dos idosos integrantes de grupo de práticas na atenção primária

aspectos motivacionais e o fazer multiprofissional. **Motrivivência**, ano XXIV, n. 38, p. 149-158 Jun./2012.

OLIVEIRA, Maria da Guia de; CABRAL, Benedita Edina. O lazer nos grupos de convivência para idosos: prática renovada de sociabilidade. In: ENCONTRO LATINO AMERICANO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 7., E ENCONTRO AMERICANO DE PÓS-GRADUAÇÃO, 4., 2004, São José dos Campos. **Anais...** São José dos Campos: Universidade do Vale do Paraíba, 2004, p. 1632-1638. Disponível em: <[http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2004/trabalhos/epg/pdf/EPG7-7certo.pdf](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2004/trabalhos/epg/pdf/EPG7-7certo.pdf)>. Acesso em: 02 jun. 2019.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. **Resumo:** Relatório mundial de envelhecimento e saúde. Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2015.

\_\_\_\_\_. **Envelhecimento ativo:** uma política de saúde. Tradução Suzana Gontijo. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. 60p.

PAVEZ, Cristienne Magalhães Pereira; DIAS, Vera Lúcia Nehls. O lazer no pedaço: a área central de Joinville/SC e as categorias de José Magnani. **Licere**, Belo Horizonte, v.21, n.4, dez/2018.

PAPALIA, D. E., OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

PEIXOTO, Clarice Ehler. A sociabilidade dos idosos cariocas e parisienses: a busca de estratégias para preencher o vazio da inatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 27, p. 138-149, 1995.

PENNA, F.; SANTO, F. O movimento das emoções na vida dos idosos: um estudo com um grupo da terceira idade. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, 8(1), 17-24, 2006.

PEREIRA, Syrléa Marques. **Entre histórias, fotografias e objetos:** imigração italiana e memórias de mulheres. 2008. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de História, Niterói, 2008.

PEREIRA, L.; PEREIRA, A.; MORELLI, G. A importância do lazer da terceira idade: Um estudo de caso em Ribeirão Preto. **LÉCTURAS: Revista Digital (Buenos Aires)**, 98, 2006.

PERES, Fabio de Farias; MELO, Victor Andrade de. Encontros de desencontros: lazer, promoção da saúde e espaços públicos. In: FRAGA, Alex Branco *et al.* (Orgs.). **Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos**. Porto Alegre: Gênese, 2009. p. 62-75.

RECHIA, Simone. Planejamento dos espaços e dos equipamentos de lazer nas cidades: uma questão de “saúde urbana”. In: FRAGA, A. B. *et al.* (Org.). **Políticas de lazer e saúde em espaços urbanos**. Porto Alegre: Genes, 2009. p. 76-88.

RECHIA, S.; SANTOS, K. R. V.; TSCHOKE, A. As forças sociais de estrutura, estética e movimento: a dinâmica da apropriação do Parque Cachoeira. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 2, p. 85-106, abr./jun. de 2012.

RIBEIRO, Lucílio da Rocha. **João Neiva: origem e desenvolvimento: a contribuição da EFVM**. Vitória: Serviços Automatizados de Escritório, 1992.

RODRIGUES, Juliana Pedreschi. FERNANDES, Charles Augusto Moreira. Lazer e sociabilidade: sobre as memórias e motivações de idosos participantes de uma experiência de educação não formal na zona leste da cidade de São Paulo. **Licere**, Belo Horizonte, v.19, n.4, dez/2016.

SANTOS, Geraldine Alves dos; VAZ, Cícero Emídio. Grupos da terceira idade, interação e participação social. In: ZANELLA, Andréia V. *et al.* (Orgs). **Psicologia e práticas sociais [online]**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 333-346. Disponível em: <<http://books.scielo.org/id/886qz/pdf/zanella-9788599662878-31.pdf>>. Acesso em: 4 jan. 2019.

SCHNEIDER, H; IRIGARAY, T.Q. O envelhecimento na atualidade: aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**, Campinas, p. 585-593, 2008.

SILVA, Emília Amélia Pinto Costa da, et al. Sociedade, cultura e saúde: motivação na utilização de espaço público de lazer. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 171-188, jan/mar de 2012.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade** [tradução, Pedro Caldas]. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

SIMMEL, Georg. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES, E. (Org.) **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181.

SOARES, João Paulo; MOURÃO Ludmila; ALVES JÚNIOR, Edmundo de Drummond. Se precisar, a gente mesmo dá aula: lazer, políticas públicas, organização e participação comunitária de idosos. **Licere**, Belo Horizonte, v.18, n.1, mar/2015.

SOUZA, L. K. Velho amigo, amigo velho: Amizade na velhice. In O. P. de Castro (Org.), **Envelhecer: Revisitando o corpo** (p. 69-86). Sapucaia do Sul: Notadez, 2004.

STIGGER, Marco Paulo; MELATI, Fernanda; MAZO, Janice Zarpellon. Parque Farroupilha: memórias da constituição de um espaço de lazer em Porto Alegre, Rio Grande do Sul- Brasil. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 21, n. 1, p. 127-138, 1.trim, 2010.

STIGGER, Marco Paulo; SILVEIRA, Raquel da. A prática da "bocha" na SOERAL: entre o jogo e o esporte. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 37-53, maio/agosto de 2004.

SILVEIRA, Raquel da; STIGGER, Marco Paulo. Espaço de Jogo – Espaço de Envelhecimento: sociabilidade lúdica na Sociedade Esportiva Recanto da Alegria. **Rev. Bras. Cienc. Esporte**, Campinas, v. 29, n. I, p. 177-192, set. 2007.

THOMAZ, Florismar Oliveira. Política de lazer. In: GONZÁLES, Fernando Jaime; FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **Dicionário Crítico de educação física**. Ijuí: Unijuí, 2005.

TROTTA, Felipe. **No Ceará não tem disso não**: nordestinidade e macheza no forró contemporâneo. Rio de Janeiro: Folio Digital Letra e Imagem, 2014. 168 p.

ZAGO, Adriano Volnei; SILVA, Aline Soares da. **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 14, nº 28, P.54-73, set. 2003.

## 8. ANEXOS

### ANEXO I

#### ENTREVISTA PARA OS FREQUENTADORES DO CEAR:

- 1) Qual seu nome?
- 2) Qual a sua idade?
- 3) Possui alguma religião?
- 4) Você ainda trabalha? Se sim, em qual profissão?
- 5) Você é a aposentado/pensionista? Se sim, qual profissão que exercia antes de se aposentar?
- 6) Em média, qual o valor mensal que você recebe de aposentadoria/pensão/salário?
- 7) Há quanto tempo reside no município?
- 8) Com quem você mora?
- 9) Como conheceu o CEAR?
- 10) Há quanto tempo frequenta o CEAR?
- 11) Como você começou a frequentar CEAR?
- 12) Você conhece todas as pessoas que frequentam o CEAR?
- 13) Como é que as pessoas se relacionam aqui no CEAR?
- 14) Você se encontra com as pessoas daqui do CEAR em outros espaços?
- 15) Como sua família (pessoas mais próximas) vê (veem) o CEAR?
- 16) Qual é a atividade que você mais gosta de fazer aqui no CEAR? Por quê?
- 17) Quando você joga o bingo, você joga por diversão ou joga para ganhar? Por quê?
- 18) Por que você acha que algumas pessoas escondem as cartelas de bingo?
- 19) Você joga bingo em outro lugar além do Renascer?
- 20) Por que você acha que comparece um número maior de mulheres do que de homens para jogar bingo?
- 21) Por que você acha que as pessoas deixaram de vim dançar forró?
- 22) Sobre quais assuntos você gosta de conversar com seus(as) amigos(as) após as partidas de bingo?
- 23) Qual atividade você gostaria que o CEAR oferecesse? Por quê?
- 24) Além do CEAR, você frequenta outros lugares que oferecem atividades de lazer?
- 25) Como você se sente quando vem ao CEAR?
- 26) O que te faz continuar frequentando o CEAR?
- 27) O que você faz nos momentos de lazer?

- 28) O que você gostaria de fazer momentos de lazer? E o que te impede de fazer?
- 29) Para você, quais são os espaços de lazer que o município oferece? (E para os idosos?)
- 30) E o que você acha que o município poderia oferecer como espaços de lazer?

## **ANEXO II**

### **ENTREVISTA PARA A DIRETORIA DO CEAR:**

- 1) Qual seu nome?
- 2) Qual a sua idade?
- 3) Você ainda trabalha? Se sim, em qual profissão?
- 4) Você é a aposentado/pensionista? Se sim, qual profissão que exercia antes de se aposentar?
- 5) Em média, qual o valor mensal que você recebe de aposentadoria/pensão/salário?
- 6) Há quanto tempo reside no município?
- 7) Com quem você mora?
- 8) Como conheceu o CEAR?
- 9) Há quanto tempo frequenta o CEAR?
- 10) Como você começou a frequentar CEAR?
- 11) Você conhece todas as pessoas que frequentam o CEAR?
- 12) Como é que as pessoas se relacionam aqui no CEAR?
- 13) Você encontra estas pessoas em outros espaços além do CEAR?
- 14) Como sua família (pessoas mais próximas) vê (veem) o CEAR?
- 15) Qual é a atividade que você mais gosta de fazer aqui no CEAR? Por quê?
- 16) Qual atividade você gostaria que o CEAR oferecesse? Por quê?
- 17) Além do CEAR, você frequenta outros lugares que oferecem atividades de lazer?
- 18) Como você se sente quando vem ao CEAR?
- 19) O que te faz continuar frequentando o CEAR?
- 20) Como o Renascer surgiu?
- 21) Qual era a contribuição do poder público quando o CEAR surgiu?
- 22) Atualmente, como o CEAR levanta verba para se manter?
- 23) Quais os cargos que compõem a diretoria do CEAR? E como é eleita?
- 24) Quando surgiram as atividades de bingo e forró aqui no CEAR?
- 25) O CEAR já desenvolveu outras atividades além do bingo e do forró? Quais?
- 26) Por que você acha que algumas pessoas escondem as cartelas de bingo?

- 27) Por que você acha que comparece um número maior de mulheres do que de homens para jogar bingo?
- 28) Por que você acha que as pessoas deixaram de vim dançar forró?
- 29) O que você faz nos momentos de lazer?
- 30) O que você gostaria de fazer momentos de lazer? E o que te impede de fazer?
- 31) Para você, quais são os espaços de lazer que o município oferece? (E para os idosos?)
- 32) E o que você acha que o município poderia oferecer como espaços de lazer?